

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***Otilia Rodrigues Affonso Mitidieri***  
(Entrevista)

## Ficha Técnica

Projeto Remanescentes de Manguinhos

Entrevistada: Otilia Rodrigues Affonso Mitidieri (OM)

Entrevistadores: Laurinda Rosa Maciel (LM) e Pedro Jurberg (PJ)

Data: 22/01/2019

Local: Rio de Janeiro/RJ

Duração: 1h55min

Transcrição: Maria Lúcia dos Santos

Conferência de fidelidade: Gabriel Vettorazzi Mota e Poliana Orosa Rodrigues

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

MITIDIERI, Otilia Rodrigues Affonso. *Otilia Rodrigues Affonso Mitidieri. Entrevista de história oral concedida ao projeto Remanescentes do Massacre de Manguinhos*, 2019. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 54p.

Projeto Remanescentes de Manguinhos

Entrevistada: Ottilia Rodrigues Affonso Mitidieri (OM)

Entrevistadores: Laurinda Rosa Maciel (LM) e Pedro Jurberg (PJ)

Data: 22/01/2019

LM: Hoje é 22 de janeiro de 2019. Eu sou Laurinda Maciel. Nós estamos aqui, eu e Pedro Jurberg, para entrevistar a Dra. Ottilia Mitidieri... **(risos)** A grande pesquisadora Ottilia Mitidieri. Estamos aqui na casa dela em Botafogo. E vamos iniciar, não é isso, Pedro? Essa entrevista faz parte do Projeto de Pesquisa do Pedro, né?

PJ: Sobre os remanescentes.

LM: Sobre os remanescentes do massacre de Manguinhos. A palavra remanescente não vinha... **(Ri)**

PJ: É.

LM: Às vezes acontece.

PJ: É. Então a primeira coisa é identificação. Então o seu nome todo.

LM: É. Isso. Aí você conta a história dos sobrenomes, onde foi que você nasceu, os primeiros estudos. Dá assim uma pequena lembrancinha pra gente.

OM: Está certo. Bom, o meu nome na minha identidade atualmente é Ottilia, com dois ts, faço questão porque senão a época dos computadores não vai me achar – Rodrigues Affonso com dois f – Mitidieri.

Bem, eu dei ênfase a isso pelo seguinte, porque quando eu comecei... nos meus trabalhos científicos, se vocês forem fazer uma busca se procurarem por Mitidieri não vão encontrar os meus trabalhos iniciais porque eu era simplesmente Ottilia Rodrigues Affonso.

LM: Hum-hum. O Mitidieri veio com o seu casamento.

OM: Veio com o meu casamento depois de eu já ter iniciado já...

LM: A sua carreira acadêmica.

OM: Minha carreira no instituto. Então o meu nome era Ottilia Rodrigues Affonso. Quando eu me casei...

LM: A senhora nasceu onde?

OM: Eu nasci no Rio de Janeiro.

LM: Ah, é carioca!

OM: Rio de Janeiro, carioca. Quando me casei, casei-me com Emílio Mitidieri...

LM: Quando foi que a senhora nasceu?

OM: O ano? Foi no dia 29 de março de 1927. Não precisa fazer as contas não, eu já passei dos 50 anos. **(Risos de todos)**

LM: Já, mas está jovem ainda. **(Rindo)**

OM: É. Mas aí, ao casar-me adotei o nome do meu marido.

LM: Certo.

OM: Ficou Ottilia Rodrigues Affonso-Mitidieri.

LM: Esse Mitidieri é italiano, né?

OM: Italiano.

PJ: Como a senhora conheceu o doutor... o seu marido?

OM: O nome do meu marido?

PJ: Não, como você conheceu ele?

OM: Vocês estão querendo muitas histórias...

**(risos)**

PJ: Não, porque...

OM: ... deixa eu terminar a história do nome que já é uma grande história.

LM: Tá, está bem.

OM: Depois eu conto como eu conheci o meu marido que é uma história é muito maior.

LM: **(Riso)**

OM: Bom, então a história do nome. Aí passei a ser Ottilia Rodrigues Affonso Mitidieri e continuando a trabalhar. Quando chegou o primeiro trabalho depois desse fato de mudança de nome o Emílio disse: “Ottilia, não mude o nome no trabalho científico porque você vai isolar tudo que você já fez até agora com o nome de Rodrigues Affonso”. Foi a pedido dele que eu mantive o nome de Ottilia Rodrigues Affonso nos trabalhos científicos, mas como nós dois trabalhávamos juntos quem procurava Mitidieri achava o dele achava o meu, eu não perdia com isso.

LM: Entendi. Hum-hum.

OM: Quando ele faleceu, que foi 1992, eu quis, prestando homenagem a ele...

LM: Aí usou o Mitidieri...

OM: ...Mitidieri nos trabalhos científicos.

LM: Que lindo!

OM: Eu passei a ser nos trabalhos científicos Ottilia Rodrigues Affonso Mitidieri. Lá no Fundão... depois eu fui pro Fundão, me disseram: “Você fez a maior confusão, porque aí

quem procurar Mitidieri... E quem procurar por Mitidieri não vai achar Rodrigues Affonso”. Realmente ela tinha razão, então eu passei a ter outro nome.

LM: (Ri)

OM: Otilia Rodrigues Affonso-Mitidieri.

LM: Ah, entendi.

OM: Porque aí vão procurar por Affonso...

LM: E vão te encontrar.

OM: Encontrava o meu trabalho e ao mesmo tempo homenageava o trabalho dele.

LM: Ah, que lindo!

OM: Haja história pra dar um nome, né?

PJ: Não...

LM: Mas é uma homenagem bonita, né?

PJ: É uma história bonita.

LM: É uma história bonita, é uma homenagem bonita.

PJ: Essa é uma história bonita.

OM: Ah, sim! Eu mesma me senti mal porque nós trabalhávamos a vida inteira sempre juntos... quer dizer, a vida inteira, mas o nome mesmo foi depois. Mas o trabalho que eu estava fazendo era uma continuação do trabalho dele, né? Bom, toda vez que eu tenho oportunidade, quando me perguntam qualquer coisa sobre qualquer trabalho eu sempre faço a ressalva que os trabalhos estão no meu nome, eu estou aqui, mas o trabalho foi fruto também do trabalho dele. Isso eu faço questão.

LM: É.

OM: Duas ressalvas, a presença dele e a presença do CNPq porque o CNPq foi quem nos manteve a vida inteira! Não fosse o CNPq, nós não teríamos sobrevivido.

LM: Ou seja, a senhora fez ciência a vida toda?

OM: Foi.

LM: É.

OM: A outra pergunta que você me fez que você me fez que eu interrompi.

LM: Assim, um pouco dos primeiros estudos até a senhora chegar à graduação.

OM: Vocês querem mesmo essa história? É muito longa... Vocês têm o tempo limitado?

PJ: Não. Não, temos tempo.

LM: Não.

OM: Então eu vou contar desde o começo.

LM: **(Risos)**

PJ: Você tem que se sentir à vontade.

LM: É. Se você se sentir à vontade...

OM: Isso eu me sinto à vontade mesmo porque é uma história que eu repito porque às vezes eu fico pensando: “como é que aconteceu?” Somos seis irmãs, a fotografia delas está ali fora. A diferença de idade entre mim e a mais velha é muito grande. Não é muito grande, atualmente juntas ninguém vê diferença, mas quando...

LM: Mas quando é jovem tem, né?

OM: Quando eu estava com quatro anos era muito diferente, porque eu ainda nem tinha entrado na escola, e elas já estavam terminando o curso ginásial.

LM: É. Uns 10 anos de diferença?

OM: Nove anos, por aí.

LM: É.

OM: Eu sabia já ler. Eu não estava na escola, mas com quatro anos eu já sabia ler. E eu tinha uma atração por aqueles livros dela, sabe? Era inevitável isso. E eu mexia mesmo, eu sou curiosa. E eu lia os livros que passavam pelas minhas mãos, qualquer livro de história eu lia... o que naquele tempo eu conseguia ler. Mas havia um livro que era um mistério pra mim. Era um livro que tinha umas letras que juntas não formavam palavras, umas linhas inteiras com letras que não tinha sentido. Aquilo me dava uma aflição.

LM: **(Ri)**

OM: A capa do livro era linda, colorida, e tinha umas figuras diferentes. Era uma atração, era um livro que estava escrito “química”.

LM: Ham!

OM: “Química”. Então aquelas letras, minha irmã, mesmo não sabendo, teve que explicar o que aquelas letras significavam, elas traduziam algumas, né? Cobre, ferro, alumínio, zinco, coisas que eu conhecia lá dentro de casa, e você via que aquilo não era mistério nenhum, eram coisas... só que a história que o livro contava era outra coisa, era química, né? E química pra mim passou a ser uma atração irresistível. Eu queria entender, saber e conhecer química.

LM: É.

OM: Bom, isso foi continuando, né? Até que teve a primeira aula de química, no ginásio, primeiro ano ginásial por aí, e me decepcionou, mas não foi suficiente. Ah, não era tudo e continuei atrás da química. Quando terminei o ginásio, fui pra o científico ainda sempre com essa obsessão.

LM: Pela química. **(Ri)**

OM: O que eu escolhi pra faculdade? Escola Nacional de Química.

LM: Ham-ham. Claro!

OM: Então você é que química começou lá atrás...

LM: Desde quando era pequeninha, né?

OM: Pois é. Então fui pra Escola Nacional de Química, da Universidade do Brasil.

LM: A atual UFRJ.

OM: Hoje é UFRJ.

LM: E onde era a Escola de Química?

OM: Onde fica?

LM: É.

OM: Naquele tempo...

LM: Naquele tempo.

OM: Ficava na Praia Vermelha.

LM: Ah, onde é o CPRM? Centro de Pesquisa...

Re Não, não. Esse é Companhia de Produtos e Recursos Minerais.

LM: Isso.

OM: Minerais...

LM: Minerais. Tá.

OM: Minerais, que agora é geologia...

LM: Fica na Praia Vermelha ali onde hoje é comunicação e tal...

OM: Nos fundos do complexo.

LM: Ta.

OM: Nos fundos.

LM: Entendi.

OM: Nos fundos. Ninguém via a Escola.

LM: Sei onde é. Ali perto da Unirio por ali. Hum-hum.

OM: A Unirio nem existia naquele tempo.

LM: Claro, claro. Onde é hoje a Unirio.

OM: É ali. Atrás da CPRM.

LM: Isso.

OM: ...todos os prédios, os pavilhões da Escola de Química. Escola de Química estava nos pavilhões que tinham sido colocados, construídos, sei lá! - para uma exposição mundial de equipamentos... não é do meu tempo, bem antes... Então essa exposição deve ter sido na década de 20... eu deveria ter procurado isso... a data exata eu não sei. Então quando fundaram a escola de química precisavam de espaço, aquele espaço...

LM: Eu acho que foi a exposição do centenário [da Independência do Brasil]. A exposição do centenário que foi 1922.

OM: 22. É isso.

LM: Foi uma grande exposição ali perto da Baía de Guanabara, hoje onde tem o aeroporto.

OM: Isso.

LM: E os pavilhões eles foram pra vários lugares.

OM: É, isso mesmo. Alguns... é 1922. Eu ia dizer, mas estava pegando da confirmação.

LM: E entrou na faculdade que ano?

OM: Que ano que eu entrei?

LM: É. Lembra?

OM: Em 1946. A guerra terminou em setembro de 45.

LM: 45.

OM: A segunda grande guerra mundial.

LM: É. Isso.

OM: Terminou. Terminou a guerra, mas eu já tinha estabelecido que ia fazer escola de química mesmo. Porque escola de química tinha duas: uma que era uma filosofia que era lá na cidade<sup>1</sup> e outra que é a escola de química, que tinha os cursos de química industrial.

LM: Certo.

OM: Aí eu fiquei dividida. Eu queria química mesmo, mas um grupo do meu trabalho, da minha escola no [Colégio] Andrews, umas amigas muito próximas, todas iam fazer prova para... vestibular pra a Escola Nacional de Química... a nossa era Escola Nacional de Química, a outra era escola de Filosofia, curso de química.

LM: Ham...

OM: Eu queria escola de química, não tinha dúvida, eu achava que naquele tempo eu nem sabia que existia a escola de filosofia, que é muito boa, foi muito boa. Era ótima, tinha um curso de química.

---

<sup>1</sup> A depoente se refere ao IFCS (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais) da UFRJ, onde funcionava a Escola Politécnica.



LM: Eu não sabia disso.

OM: É.

LM: Eu não sabia.

Quer parar? Seria importante a gente esclarecer o que...

OM: Naquele tempo quando a universidade foi pra o Fundão... A Escola de Química, foi pra lá, e foi também a escola de filosofia.

PJ: Ah, também foi.

LM: É.

OM: Houve um tempo que eu frequentava e tinha... a Escola de Química tinha dois cursos: o curso de química industrial e depois mais tarde acrescentaram algumas disciplinas novas e ampliou-se pra o curso de engenharia química.

LM: Engenharia química, tá. Ham-ham.

OM: E esses grupos ficavam todos ali naquele prédio de ciência e tecnologia no Fundão, inclusive o grupo do Luís Paulo também, havia o curso deles lá também de filosofia. Agora separaram. Acho que tem um instituto de química lá, na UFRJ onde está o grupo que era da filosofia, por aí vai... e o curso de química, de engenharia química que ficou separado no outro bloco que é o vindo da Escola de Química. Houve uma reorganização dessas coisas.

LM: Certo.

OM: Mas eu fiz foi a Escola Nacional de Química, que era Química industrial e depois complementei com engenharia química, entende? Então isso foi porque você me perguntou porque razão eu fui pra química, né?

LM: Isso. Exatamente. Então era apaixonada desde criança...

PJ: Naquele tempo não havia pós-graduação...

OM: Não, não havia não.

PJ: Esse negócio de pós-graduação é recente.

LM: É anos 70, né? Ou 60...

OM: Não havia pós-graduação. O vestibular era difícil, difícil! Se eu contar pra vocês... vou contar como era o vestibular...

LM: Era um funil mesmo, né? Só entrava na universidade... era uma camada muito pequena da população.

OM: Era muito difícil. Oh, o vestibular tinha prova escrita, questões discursivas. Imagina fazer isso no mundo de hoje com essa multidão de alunos se candidatando ao vestibular. Prova escrita, questões discursivas, química, física, matemática e tinha prova escrita,

prova oral... prova oral, diante de vários examinadores, e prova prática de química. No colégio Andrews não tínhamos prática e tínhamos que passar por aquilo.

LM: Nossa!

Re Era muito difícil. Foi muito difícil. As vagas pra entrar na Escola de Química eram 30 vagas, 30 vagas. As vagas preenchidas.... a guerra tinha terminado em setembro...

LM: Hum-hum. De 45.

OM: Quatro meses antes naquele vestibular. Nós estávamos entrando pra um curso de química industrial, o mundo que tinha sido quebrado, dilacerado, estava querendo se reconstruir e junto com o mundo, o Brasil também, é claro. Apesar de que...

LM: Sim, porque estava num período conflituoso.

OM: Apesar dele não ter sido destruído aqui, foi...

LM: É, mas foi término do governo de Vargas, né?

OM: Exato. Ele não foi destruído em terra, mas as consequências aconteceram... mas foi destruído no mar o Brasil. Meu pai era da construção da Marinha Mercante e via os navios sendo jogados fora... afundados. Isso o Brasil entrou na guerra de verdade.

PJ: Deixa eu perguntar uma coisa, quando você entrou na faculdade tinha mais homens do que mulheres...

OM: Mais homens do que mulheres.

PJ: E você teve... por ser mulher teve dificuldades...

OM: Olhe só, eu esperava que você me fizesse essa pergunta porque sempre fazem.

LM: **(Risos)**

OM: Não tive a menor dificuldade na Escola Nacional de Química...

LM: Não era um ambiente machista?

OM: Bom, tive dificuldade sim no vestibular na prova de matemática, uma coisa que eu não contei pra nenhum dos meus... nenhum dos meus colegas sabe disso, mas uma coisa incrível. Uma aluna sentada na cadeira ao lado... eram cadeiras individuais, na faculdade de filosofia, foi no prédio da faculdade de filosofia o nosso vestibular. Na prova de matemática, uma aluna começou a passar mal. Eu não conhecia ela, nem... Ela era de Minas. Começou a passar mal, mas passar mal de verdade. A inspetora da sala permitiu que ela fosse à varanda e escolheu a mim para acompanhá-la.

**[15:00]**

LM: Hum-hum.

OM: A prova, o tempo correndo, né? E eu fiquei lá aflita. Meu pensamento resolvendo a questão que eu tinha acabado de ler, e eu fazendo aquilo, e ela lá, e ela lá... e eu sem jeito de me recusar... Depois de um tanto tempo que ela se sentiu aliviada voltou pra sala e eu

corri pra minha mesa: “cadê a minha prova? Meu livro de logaritmo?” Naquele tempo, a minha pelo menos, não era uma folhinha de logaritmo, era um livro dessa grossura assim que eu amava aquela coisa velha... pegaram esse logaritmo... “Vai, vai! Corre!” Aí eu continuei, quando eu voltei eu falei pra ela: “Eu preciso do meu logaritmo, professora!”, a inspetora: “Mas eu emprestei a alguém. Aonde foi, quem foi?”

LM: Ai, meu Deus!

OM: “Quem foi?” Inacreditável. Eu nunca contei isso para os meus colegas porque não iam acreditar, né? Cadê a minha prova... cadê? Eu mal tinha tempo de abrir a prova, voltei... Assim foi o tempo todo... prova de matemática... uma pressão constante até o fim da prova. Foi assim a prova de matemática.

Olhe só, terminamos a prova, eu concluí: “não passei, estou reprovada”. Não tinha a menor condição de pretender passar naquela prova e a menina falou comigo, agradeceu e disse assim: “Vou voltar pra casa. Não tem possibilidade”. Ela não tinha condições físicas até de fazer.

LM: Hum-hum.

OM: Voltou, se despediu e foi embora. E eu disse assim: “Já que enfrentei isso aqui vou continuar pra ver como é esse tal de vestibular, eu vou conhecer o vestibular”. Certa de que não tinha passado, não tinha condições de passar. Então vieram depois as outras provas e eu fazendo com a maior displicência, não era mais aquilo em todas as provas. Inclusive a última que era prova de física, prova oral de física...

LM: Meu Deus!

OM: Já tinha feito a prova prática, já tinha feito a prova escrita, prova oral de física, a última pergunta que o professor de física me fez... professor eu nem sei o nome dele completo, fez uma pergunta lá de máquinas elétricas e eu não soube responder. E ele me vem assim com essa: “Afinal, o que você sabe de máquinas elétricas?”, eu disse: “Olha, professor, pelo que o senhor viu, muito pouco mesmo”.

LM: **(Risos)**

OM: Pra mim eu já estava reprovada, né?

LM: É.

OM: Pra mim... não falei pra nenhuma das minhas amigas que eram amigas muito chegadas dentro do colégio Andrews, e eu não falei nada com elas, chegando... elas não sabiam nada disso. Chegando em casa, arrumei minha malinha e peguei minha viagem pra Caxambu onde estava a família, minha família tinha ido pra Caxambu.

LM: Pra Caxambu, né? Isso era verão, né? Era calor.

OM: E tem mais um detalhe... eu agora acho interessante. A minha pretensão no meio daquela... peguei material de química eu podia levar para estudar pro próximo vestibular que seria no ano seguinte. Olha só, eu ia começar a estudar em Caxambu. Estudar nada, porque depois daquela maratona o bom mesmo era gozar daquela delícia, né? De férias...

PJ: Gostava?

OM: Eu gostava. Passou uma semana, não sei quantas, toca o telefone de madrugada, naquele tempo não havia celular, né? Havia aquele telefone...

LM: Sim.

OM: Toca o telefone na gerência do hotel. O gerente vai lá no quarto - acho que nem tinha interfone - vai lá no quarto me chamando, era um telefone da cidade pra mim. "Telefone pra mim?" A família toda desceu, né? Minha mãe, minhas irmãs...

LM: Era um acontecimento, né?

OM: Que a escola de Química estava me convocando pra fazer a matrícula porque o prazo estava esgotando!

LM: Ham! Você nem sabia que tinha passado. **(risos)**

OM: Lógico que eu não sabia...

LM: Gente, incrível! Que alegria!

OM: Você pode imaginar? Foi uma coisa assim: como é que pode? Uma coisa incrível! Incrível! Mas foi uma alegria tão grande. Eu pulava, eu pulava. A família me abraçava... tinha até o dia seguinte pra vim fazer a matrícula na escola de química.

LM: Que coisa boa!

OM: Como eles me descobriram lá eu não sei, porque pra nenhuma das minhas amigas eu tinha dito que tinha passado aquilo tudo lá, aquela dificuldade. Não comentei. Era período de muita aflição também pra todo mundo. Não disse que ia pra Caxambu. Aí, a minha procura... Como é que a escola foi me localizar em Caxambu?

PJ: E foi atrás de você.

OM: E foi atrás de mim.

PJ: Correu atrás.

OM: Eu fiquei impressionada com isso. Hoje mesmo eu fico... também só naquele tempo, porque atualmente com a multidão de candidatos é impossível, né? Nem o vestibular poderia ser assim. Então era um... você perguntou se tinha diferença.

LM: É.

OM: Nunca percebi. Éramos poucas, poucas meninas.

LM: Poucas mulheres.

OM: Poucas meninas, mas os meninos eles nos tratavam de forma... não só da minha turma, da escola toda. Era um ambiente completamente inimaginável. Um grupo de rapazes... nas outras turmas também tinha muito poucas meninas, muito poucas meninas. Assim, aquela harmonia, aquela compreensão, aquela alegria... E trabalhávamos muito, além do necessário, fazíamos mais do que a nossa obrigação, por várias coisas. A questão,

por exemplo, da guerra... Então no primeiro ano o professor Rocha – quase que dei o nome errado - Porto Carreiro era um terror na faculdade, era exigente, reprovava... Era o nosso primeiro professor, mas se era exigente... Nós trabalhávamos, nós fazíamos... Não tinha material porque a escola não tinha livros, difícil importar livros né? Nós fazíamos livros, nós juntos fazíamos livro, material, pegávamos a aula do professor... Muitos datilografavam... não datilografia, mas estenografia, estenografia anotava tudo, reproduzíamos... pusemos num mimeógrafo...

PJ: Mimeógrafo a álcool.

OM: A álcool. Você parece até que é do meu tempo. (**rindo**) Não é, não?

LM: (**Risos**)

PJ: Não, sou sim. (**Riso**)

LM: Mimeógrafo a álcool até eu peguei quando era criança também.

OM: Fizemos aquilo tudo “Vamos estudar por aqui”. “Não, vamos fazer mais que é para passar pros outros alunos”. “Não, nós temos que mostrar ao professor”. Fomos ao professor e dissemos o que estávamos fazendo mostramos pra ele, né? Porque tínhamos que ter autorização dele.

LM: Legal.

OM: Ele aprovou, deu um estímulo e nós passamos a fazer apostilas. Apostilas nós trabalhávamos assim... Ih, mas trabalhávamos de verdade! Revisão de livros de professor, professor de química orgânica (inaudível). O professor Ronald Rode na química, tecnologia orgânica também. Nós movimentávamos aquela escola, meninos e meninas, não tinha diferença.

PJ: Deixa eu te fazer uma pergunta. Mas então você não passou por esse negócio da pós-graduação? Não teve isso.

OM: Não, não. Não. Não passei, mas...

PJ: E foi prejudicada com isso, não foi?

OM: Financeiramente?

PJ: Financeiramente, sim.

OM: Foi.

PJ: Porque a pessoa se tiver o mestrado tinha tanto, se o doutorado tinha tanto.

OM: Bom, aí tem uma outra história. Bem, quando estávamos no Instituto Oswaldo Cruz, que depois da Escola de Química eu fui trabalhar...

LM: Como que chegou no Instituto Oswaldo Cruz?

OM: Você quer saber mesmo?

LM: (**Risos**)

OM: É outra história!

PJ: Ah, queremos saber tudo!

LM: Queremos sim.

OM: Terminado o curso da química...

LM: Isso. Era o quê, cinco anos de curso? Quatro.

OM: Eram cinco anos.

LM: Cinco anos.

OM: Quatro da química industrial e mais um ano complementando para engenharia química.

LM: Tá.

OM: Terminado aquilo, durante o curso eu tive uma cadeira, fazia parte do currículo, de microbiologia industrial. Bem, aí é que está o ponto de inflexão.

LM: Com o IOC... Ham-ham.

OM: Porque microbiologia me apresentou um outro mundo. Anteriormente eu via o mundo das máquinas, os processos... Microbiologia era o mundo invisível. Meu Deus! E era o professor Muniz Aragão com aquela pose dele de homem elegante, distinto, uma pessoa impressionante, dava aquela aula que aí, eu pelo menos, fiquei apaixonada pela microbiologia, né? E a química na microbiologia o que era? Era uma química da vida. Ela era uma, colocando então os, “bioquímica”, não é? Bioquímica. Então depois daquilo eu me formei toda feliz, mas eu não estava satisfeita, não estava satisfeita, não queria... eu via que a química... Essa química de cores... Era uma maravilha... é uma pena que eu não posso trazer tudo aqui pra casa, as cores, os frascos, era um encantamento. Mas não é só isso. Bom, é claro...

LM: Existe uma coisa além do que a gente está vendo.

OM: É claro que eu queria a pesquisa... Aliás, foi a curiosidade que me levaram [sic] à química, não é?

LM: Certo.

OM: É a curiosidade.

LM: É.

OM: E o que é realmente a pesquisa, não é uma curiosidade? Você descobrir aquilo que você não conhece ainda?

LM: É.

OM: Você vai descobrir aquilo, vai caminhando, vai pesquisando, estudando e descobre.

LM: É. É assim que funciona.

OM: É assim que é a pesquisa, né?

LM: É isso aí.

OM: E é isso que eu descobri, era isso que eu queria. É esse mundo da bioquímica. Então, aí terminado o Instituto<sup>2</sup>, eu conhecendo de nome o Instituto Oswaldo Cruz, eu conhecia só de nome só, nunca tinha ido lá. Eu soube que no Instituto Oswaldo Cruz tinha um curso de Bioquímica.

LM: Sim.

OM: Aí eu fui lá me inscrever. Aí que eu digo, é uma coisa que é muito difícil descrever em palavras. É muito difícil. Eu subindo aquelas escadas, aquela – eu me emociono – avenida assim...

LM: Do castelo de Manguinhos.

OM: Quando eu subia a escada eu via aquele templo, aquilo era um templo... Era a casa do saber, era o palácio, era o templo da sabedoria. E eu emocionadíssima: “Como é que eu estou vindo pra cá?”

LM: **(Ri)**

OM: Entende?

LM: Que coisa boa!

OM: Cada vez mais eu me aproximava mais daquilo, mas emocionadíssima! Não há como eu descrever a realidade desse fato. Então eu já entrei apaixonada. Já entrei apaixonada. Então fiz a inscrição, fiz o curso, terminado o curso, outra surpresa: Dr. [Gilberto] Villela<sup>3</sup> era o organizador, o coordenador do curso. Ele tinha dois assistentes trabalhando com isso, né? Dr. Villela me telefonou me convidando pra ir trabalhar no laboratório dele fazendo parte da equipe de pesquisa dele.

LM: Que beleza!

OM: Como é que eu podia imaginar uma coisa dessas? Pra mim já era muito ter sido permitido que eu fizesse um curso de bioquímica no Instituto Oswaldo Cruz. Terminado o curso, o Dr. Villela me convida...

LM: Recebe o convite pra ficar. Que coisa boa!

OM: Só isso foi... Foi uma surpresa tão grande quanto aquele no vestibular. **(Ri)**

LM: **(Risos)** É.

PJ: Você conheceu o Dr. Mitidieri lá?

OM: Aí, não! Não. O Emílio eu conheci na Escola de Química.

PJ: Na Escola.

---

<sup>2</sup> A depoente quis dizer “Escola de Química”.

<sup>3</sup> Gilberto Villela trabalhava na Divisão de Química, do Instituto Oswaldo Cruz.

OM: Ele foi meu colega de turma na Escola de Química.

LM: Ham! Se formaram juntos?

OM: Hein?

LM: Se formaram juntos.

OM: Nos formamos juntos, né? Então, ele lá e eu cá. Assim mesmo.

LM: Engraçado.

OM: Mas ele, lá de olho cá.

LM: Ham-ham. (**Risos**)

PJ: Hammm.

OM: Isso eu soube depois. Isso eu soube depois.

LM: Senão como é que vai começar, né?

OM: Mas ele dizia pra todo mundo, pra toda faculdade, toda a universidade sabia. É, pois um dia, um dia eu chegando na medicina pra pedir... Isso já foi depois de formada. Eu já estava no Oswaldo Cruz, precisava de um... Não, eu estava na Escola de Química ainda. Eu precisava de um atestado e fui lá na medicina, “porque lá devia ter algum médico pra fazer perícia...”. Eu fui lá, tinha uma lá, ela me conhecia de vista da faculdade de Química: “Como é, Ottilia, não resolve?”

LM: (**Risos**)

OM: “Como é Ottilia, não resolve?”

LM: Você não entendeu. (**Rindo**)

OM: Ah, não entendi nada! E os pais dele sabiam. O pior disse é que ele não escondia nada, a família toda sabia. Por isso que eu estou dizendo ele lá e eu cá.

LM: É.

OM: Na ocasião eu não sabia de nada. Nada, nada, nada.

LM: Ele era apaixonadíssimo pela senhora.

OM: De nada. Nada. Nunca, nunca! De jeito nenhum. E aí quando eu cheguei lá no curso de bioquímica, ele estava lá.

LM: Ham.

OM: Ele já tinha feito o curso, já tinha sido aprovado, antes de mim, dois anos, antes, né?

OM: Já fazia parte da equipe do Dr. Villela e estava lá também, entendeu? Mas continuou tudo assim, ele cá e eu lá. Ao contrário, eu cá e ele lá.

[30:00]

LM: É.



OM: E assim foi. No decorrer do passar dos anos aí, um dia, ele se aproximou, enfim e aí a história, né?

LM: (risos)

OM: Mas isso já foi bem depois.

LM: Aí a senhora ficou apaixonada.

OM: Nós só fomos casar em 1961.

LM: Olha!

OM: 1961 aí é que foi o casamento. Então você perguntou de onde eu o conheci, eu conheci desde... Ele disse que me conheceu no dia que fomos fazer a inscrição para o vestibular, pegando o bonde pra ir pra Praia Vermelha...

PJ: Posso fazer uma pergunta pra você particular? Você acredita no destino, não acredita?

OM: De certa forma, em função do recente casamento do meu filho, eu acredito, foi coisa do destino.

PJ: Seu vestibular foi coisa do destino, a sua vida, o Emílio ter te visto...

LM: Não, e ele já ter ido lá fazer o curso e depois vocês ficaram juntos. Claro!

PJ: Se você não acredita, passe a acreditar.

OM: Eu acredito, antigamente não.

LM: É.

OM: Mas agora ultimamente... eu não vou nem contar a história, mas eu vi que é coisa do destino o casamento deles. É interessante, é interessante mesmo...

LM: É, eles se encontram.

OM: Incrível! Incrível.

LM: Que bacana! Que legal!

OM: Então desta forma... futuramente escreverei um livro.

LM e PJ: (risos)

OM: Mas, por favor, isso não, hein?

LM: Tá. Tá.

OM: Não fala do casamento do meu filho. Você vê? O meu perigo é isso.

PJ: Não é perigo não, gente. Desculpe, ia ser muito chato: "O que é isso?" Tal. "O que é isso?" Tal. Pô, linda a sua descrição.

LM: Que história linda, gente!

OM: Eu voltei a acreditar no destino, eu voltei a acreditar nos meus encontros, o meu encontro foi do destino.

PJ: A minha sobrinha Cláudia disse assim: “Vai falar com ela que ela é uma pessoa maravilhosa!”. Claro que é por isso, está entendendo? Não é pelo seu trabalho que ela não leu, mas é por isso, porque você, além de ter feito o trabalho, é uma figura humana.

OM: Por favor, meu filho é discretíssimo.

PJ: A gente não vai botar não. Então vou fazer uma pergunta aqui do *coisa*<sup>4</sup> pra você se sentir mais à vontade. Quando você chegou lá em Manguinhos quem dirigia era o Dr. Villela.

OM: Dr. Villela.

PJ: Era o Villela. Você se lembra do diretor?

OM: O diretor?

PJ: É.

OM: Não. Que coisa incrível, eu esqueci outro dia, se eu procurar os livros porque tem muitos, eu vou encontrar o nome.

PJ: Porque é fácil saber o ano que você ingressou...

OM: Pois é, eu entrei em 1953. Acho que foi.

PJ: A gente vai descobrir, isso não é problema<sup>5</sup>.

OM: Não, eu não me lembro o dia... eu disse que não me lembro porque rememorando um certo fato que vocês já conhecem...

PJ: E você respondeu várias perguntas com esse seu diálogo.

LM: É.

PJ: Ó, só vou te fazer as perguntas que você acabou englobando só pra você ver como você avançou: “Quem dirigia o laboratório?” “Já era formada?” “Tinha alguma experiência prévia?” “O que levou a procurar o IOC?” Tudo isso foi respondido. “Você tinha algum vínculo financeiro?” Essa não foi respondida, naquele tempo da tua...

OM: Não, eu não tinha vínculo financeiro nenhum...

LM: Nenhuma bolsa, nada?

OM: Não, quando eu comecei não tinha nada, mas ia pra lá com uma alegria tão grande, tão grande.

LM: De fazer parte.

---

<sup>4</sup> O entrevistador Pedro Jurberg (PJ) faz referência ao roteiro.

<sup>5</sup> No ano de 1953, a diretoria do IOC foi ocupada por Olympio da Fonseca Filho (1949-53) e Cássio Miranda (1953-54).

PJ: Que até pagava.

OM: Até pagava. (**Risos**) Não ligo, realmente não ligo pra isso não. E não tinha nenhum... Depois de algum tempo recebi uma bolsa do CNPq.

LM: Sim.

OM: Do CNPq, mas bastante tempo, uns dois anos depois. Acho que a primeira bolsa talvez tenha sido em 54 ou 55.

LM: Como é que fazia para chegar em Manguinhos nessa época?

OM: Como?

LM: Já tinha a Av. Brasil? Já, né? Pra chegar em Manguinhos já tinha? Tinha.

OM: Av. Brasil tinha, não tinha era a Linha Vermelha, né?

LM: Ham-ham.

OM: A Avenida Brasil tinha.

PJ: Agora uma coisa: “o ambiente físico do seu local de trabalho como era seu chefe”. O seu chefe era o Dr. Villela, fala um pouquinho dele, como era o Dr. Villela?

OM: Ah, o Dr. Villela era uma criatura extraordinária! Eu dizendo isso até acho... Sinceramente, vocês estão me dando coragem pra eu levar o material do Dr. Villela para Casa de Oswaldo Cruz - não é isso que você disse, outro dia tinha sugerido?

PJ: É.

OM: Porque no Oswaldo Cruz, pelo que eu vejo, não tem nada a respeito do Dr. Villela, uma publicação que está saindo agora não se menciona... Outro dia vi uma referência aos antepassados, eu não vi o nome do Dr. Villela. É uma coisa inacreditável como é que...

LM: Como era o nome dele?

OM: Gilberto Guimarães Villela. Villela com dois “l”, eu corriji ali.

LM: Tá.

OM: Então, ele era uma pessoa educadíssima, uma pessoa calma, uma pessoa estudiosa, ele entrou pro Instituto Oswaldo Cruz logo depois de formado em medicina...

LM: Nossa!

OM: Ele nasceu... Se em 1977 ele completou 70 anos, então ele nasceu em 1907.<sup>6</sup>

LM: 1907.

OM: 1907, quando se formou em medicina e imediatamente foi pra...

LM: Foi pra Manguinhos.

---

<sup>6</sup> A depoente quis dizer 1904: Gilberto Guimarães Villela completou 70 anos em 1974, vindo a falecer em 17 de julho de 1977, aos 73 anos.

OM: Ele dizia que tinha a pretensão de fazer cirurgia, ser cirurgião. Quando ele um dia assistiu uma operação, acho que até foi de amídalas porque eu contando a ele como foi a minha operação de amídalas, ele: “Foi isso que me fez desistir da cirurgia”. Vocês sabem, era à sangue a frio, né?

PJ: Lembro.

OM: Era à sangue frio. À sangue frio.

LM: Sem anestesia?

OM: É. Não existia anestesia.

LM: Não existia anestesia geral!

OM: Amarrava, me lembro de quatro anos, minha irmã mais velha já era uma mocinha.

LM: Ai que horror!

OM: Eu e minha irmã íamos fazer a cirurgia de amídalas, nós duas, aí mandaram chamar: “quem é a primeira?” “Eu”.

LM: (**risos**). Espевitada, queria logo (inaudível)

OM: Que dói, dói. Tinha que tomar sorvete depois também.

LM: Ah, bom!

OM: Então era assim.

PJ: O Dr. Villela falava assim, sabe, de política institucional, que a fundação ia para esse lado - o Instituto naquela época...

OM: Não, foi coisa que nunca ouvi...

LM: Impressionante.

OM: ...naquele laboratório uma única palavra que desse...

LM: Impressionante, medo que viessem a descobrir.

OM: Não, nunca, nunca. Nem partindo dele, nem dos amigos do Dr. Villela, nunca.

PJ: Eu disse pra ela...

OM: É. Impressionante.

PJ: Nós éramos totalmente desligados de qualquer coisa.

OM: Exatamente.

PJ: O Dr. Herman nunca me disse o time de futebol dele.

OM: Você trabalhava com o Herman Lent, né?

PJ: É, e o pessoal dizia do dr. Hugo também, o pessoal dizia “Dr. Hugo [de Souza Lopes] nunca me disse o time do futebol dele”.

OM: Não se falava nada.

PJ: Dr. Hugo nunca me falou nada.

OM: Dr. Hugo também. Agora quando vem nomes... Impressionante. São aqueles nomes daquela lista...

LM: Eles não falavam, não se discutia nem... Não se discutia nem interno nem externo.

OM: Não.

PJ: O que estava acontecendo no mundo e no Brasil...

OM: Não se ouvia nada, nada, nada. Nada. A única vez que no meu laboratório eu ouvi algo que podia ser relacionado à política, um dia (?) na Av. Brasil e vem o Chico... o Chico Trombone e diz assim: “Gente, as lagartas estão na Avenida”. “As lagartas estão na Avenida? O que é isso, Chico?” Eram os...

LM: Os tanques?

OM: Os tanques, os tratores... Os tanques, os tanques de guerra.

LM: Os tanques de guerra.

OM: Os tanques de guerra chegando na Avenida... Era na época ainda do General Lott.

LM: Hum.

OM: Então havia um movimento, qualquer dificuldade, uma autorização de qualquer coisa o General Lott mandou os tanques, né? Foi a única vez que eu ouvi qualquer coisa foi isso: “As lagartas estão na Avenida”<sup>7</sup>.

LM: Impressionante isso.

OM: Nunca se falou nada.

LM: A senhora sabe que nós temos feito sempre essa pergunta pra todos os depoentes, todos eles falam isso: não se discutia, não se falava. Quer dizer, o próprio medo... Nada. É muito interessante isso.

PJ: Era o medo. E não era uma recomendação não.

OM: Não.

PJ: Era uma coisa interna, não havia: “é proibido falar.”. Não, ninguém falava de nada, ninguém estava... É como se fosse uma coisa: “Isso é outro mundo, vou manter o desinteresse”.

OM: Não, nada. De jeito nenhum. O Dr. Villela... E nem ele, nem os outros falavam.

PJ: Nem os outros falavam. O Dr. Villela trabalhava em outro lugar ou era sempre lá?

---

<sup>7</sup> A depoente se refere ao episódio envolvendo a posse do presidente eleito Juscelino Kubitschek e a atuação do general Henrique Teixeira Lott, em novembro de 1955.

OM: Não, não trabalhava não. Ele era convidado pra dar palestras, dar aulas. Foi convidado pra dar aulas no Instituto de Puericultura<sup>8</sup>, tá entendendo?

LM: Hum-um.

OM: Está entendendo? Mas o lugar dele era ali mesmo. Foi convidado pelo governo a ir dar aula de bioquímica na Birmânia...

LM: Nossa!

OM: Foi uma coisa oficial pela Organização Mundial de Educação, sei lá, OEA, qualquer coisa assim. Ele era convidado. Era uma pessoa que tinha muito contato com os grandes cientistas da época. No nosso laboratório, quando vinham ao Brasil, iam lá visitar o nosso laboratório, conversava com o Dr. Villela, às vezes dar uma palestrinha. É porque eu não tive oportunidade de procurar o nome das pessoas, desses ilustres que iam ao laboratório, alguns ficavam um, dois dias, algum tempo, conversavam conosco... Era assim uma pessoa ligada. Era um poliglota, né?

PJ: Ele era.

OM: Ele era um poliglota.

LM: O Dr. Villela.

OM: Ele falava alemão, inglês, francês, falava tudo, era um poliglota e era muito... Villela era uma pessoa discreta também, não era de se exibir. E esses contatos que ele tinha com pesquisadores estrangeiros... Eu tenho até uma galeria de retratos dedicados dele e eu consegui salvar lá da catástrofe. Mas era uma pessoa assim o Dr. Villela.

LM: Hum-hum.

OM: Não foi, não foi reconhecido o valor dentro dele dentro da instituição.

PJ: Agora quer dizer, esse tipo de trabalho a gente está resgatando essas memórias...

LM: É.

OM: Sobre esse aspecto eu fiquei entusiasmada com o seu trabalho, já que você falou que podia levar pra Casa Oswaldo Cruz... Não sei nem se eles vão aceitar, né?

PJ: Claro que vão! (ri) Eu estou falando por você. Vai ser aceitado [sic]?

LM: Não sei. A gente vai conversar lá e eles vão vir aqui olhar o material, porque tem que ter eco com a história, é?

PJ: É.

OM: Tem que ser um material com caráter histórico, mas eles vão... Tem gente lá com o olhar voltado pra isso.

OM: Isso vai demorar. Eu vou ter que tentar reunir alguma coisa... Porque eu salvei alguma coisa. Os livros dele foram todos pra o Paulo Almata, eu falei pra você, né? Agora

---

<sup>8</sup> A depoente se refere ao Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG/UFRJ).

tem livros da autoria dele... eu queria encontrar um currículo dele... E ele (?) da universidade...

LM: Sim.

OM: ... lá no tempo de docência dele. Então eu teria que tentar conseguir alguma coisa assim, porque no Instituto Oswaldo Cruz o que salvou do laboratório dele... O que se salvou foi o que eu trouxe... O resto da família não levou nada e o resto foi pela janela...

PJ: O ambiente do laboratório. Como era o ambiente?

OM: Era ótimo! Era ótimo! Era muito bom! Cada um no seu cantinho, trabalhávamos, de vez em quando nos reuníamos... Não tinha nada marcado, mas às vezes era um cafezinho, que era uma coisa rara, mas... Era muito bom, muito bom. Aquilo pra mim era o ambiente pro resto da vida.

LM: (riso)

OM: Era.

PJ: Dr. Villela teve alguma... Ele foi cassado, se aposentou?

OM: Não, ele não foi cassado. Não foi cassado, na época da...

LM: Do massacre?

OM: Na época do massacre, como o Herman Lent disse, ele... Naquela lista ele não estava não.

LM: Sim.

OM: No livro do doutor... A lista, aquela lista foi... Se eu não me engano eles foram cassados em 1969, se não me engano.

LM: É.

OM: 13 de dezembro de 1969, eu acho que foi. Já imaginou o choque vendo aquela lista publicada? Já imaginou o choque? Aqueles nomes, aquelas pessoas que eu admirava, eu tinha... Eu tinha um respeito incrível por eles sob todos os aspectos, que eram seres humanos...

LM: Como que foi ver isso?

OM: Tendo daquele conhecimento, aquela sabedoria, como é que teriam... Como é que tinham coragem de fazer uma coisa dessas?

LM: É.

OM: Não era só os 10 não, não eram só os 10 não, foi no Brasil inteiro.

LM: Sim.

OM: A nossa intelectualidade foi decapitada.

PJ: O [Augusto] Perissé foi cassado, né?

OM: Foi.

PJ: Você tinha ligações com ele?

OM: Nós tivemos, tivemos. O Perissé trabalhava no mesmo prédio que nós, né?

PJ: Tá.

OM: Ele não tinha o laboratório embaixo do Plínio Cordélio? Pois é, tínhamos. Eles eram muitos amigos, eram muitos amigos. O Perissé, o... depois... depois da... mas deixa eu voltar lá na tal da lista, depois volto...

**[45:00]**

OM: Que foi... Pra mim foi um choque, mas não foi choque só por causa deles não, foi por causa de todos os outros da lista, porque todos eles a gente conhece de nome, né? Mas tinha dois casos ali que me impressionaram muito, porque inclusive eu conhecia pessoalmente. Um deles foi meu colega da faculdade... do Andrews, depois meu colega na Escola de Química, e depois quando ele se formou ele fez toxicologia, foi pesquisador e professor da UFF e ele estava na paulista, Milton Lessa Bastos.

PJ: Milton foi meu professor na faculdade de farmácia.

OM: É. Pode ser... Você fez a UFF?

PJ: Não, Fluminense.

OM: Ah, Fluminense. Pois é, a Fluminense.

PJ: O Milton Lessa, ele fazia toxicologia, não é isso?

OM: Toxicologia.

PJ: E ele era tão bom que ele foi convidado pra organizar o laboratório de toxicologia da cidade de Nova York.

OM: Exatamente!

LM: Caramba!

OM: Pois então ele tinha... Ele tinha uma bolsa do CNPq pra ir pra lá... Ele estava tratando dos papéis. Isso não foi ele que me disse, eu soube através da própria família dele - eu não posso garantir a realidade detalhada dos fatos - ele estava tratando desses papéis, estava com o passaporte na mão, em plena cidade quando soube, teve a notícia de que estava na lista e que a recomendação era: "Saia do país". A recomendação era essa: "Saia do país." Ele não teve dúvida. Não sei qual foi o momento aí de contato... Estava com o passaporte na mão, dizem que com a ajuda dos padres dominicanos, ultrapassou a fronteira com a Argentina, talvez, pegou o avião, foi pros Estados Unidos - já tinha passaporte, já tinha o cargo, já tinha tudo lá. Foi. Lá se instalou e depois de estar lá chamou a família... Ele era casado, tinha 6 filhos.

LM: Nossa!



OM: Foram todos pros Estados Unidos. Ele colocou os filhos em escola pública e ficou vivendo por lá até se aposentar. Até se aposentar. Então eu pergunto: O que essa pessoa tinha... Eu perguntava: “Mas por quê? Porque a razão do nome dele na lista?” Depois eu soube posteriormente por causa das homenagens que ele recebeu lá, que ele só viveu 6 meses depois que voltou pra cá, coração. Ele foi homenageado na lá Fluminense colocaram o nome dele e eu tenho até a ata daquelas reuniões. Estimadíssimo pelos alunos, todos os alunos gostavam dele. Aí eu descobri qual foi o pecado dele. Ele era amigo dos alunos, esse foi o pecado dele.

PJ: Amigo dos alunos.

OM: Ele era amigo dos alunos. Provavelmente aquilo incomodou alguém. O Milton... Não sei se você conheceu.

PJ: Eu não tenho muita lembrança dele não.

OM: O Milton era a bondade em pessoa. Eu não entendo. E outro caso também que me deixou assustada foi Vitor Nunes Leal... Eu acho que eu até peguei um livro... Não sei...

LM: Vitor Nunes Leal, do *Coronelismo, enxada e voto*?

OM: É. Eu gostava...

LM: Maravilhoso esse livro, eu estudei na minha graduação, é um clássico.

OM: Então até hoje eu vejo uma diferença... Sempre positivas, sempre como um modelo, um exemplo. E falam no Brasil inteiro. Mas esses dois eram especialmente, particularmente... O Vitor porque era o irmão mais velho de um dos nossos colegas de turma, o Vasco Nunes Leal, que foi depois diretor da Alca, uma subsidiária da Petrobras... Pessoas assim. Aí como estava aquele mundo daquela época.

LM: A cassação influenciou a sua vida?

OM: Ah, me abalou muito! Me abalou muito, muito, muito. Primeiro por estar sofrendo por eles, eu não aceitava aquilo. E segundo. Inclusive teve um detalhezinho... Eu vou contar apesar de que...

PJ: Eu estou amando a sua...

LM: (**risos**) A sua narrativa.

PJ: Narrativa.

OM: Vocês se referem à Revolução, eu, prefiro golpe.

PJ: Ao golpe, ao golpe de 64. Eu também acho.

OM: Posso falar?

PJ: Pode. Golpe de 64 e golpe de 2016 também. (**risos**)

OM: 2000 e?

PJ: Esse agora com a Dilma.

OM: Esse eu não analisei tanto. O golpe foi no dia 1º de abril de 1964. Eu estava grávida... Meu filho mais velho nasceu no dia 18 de junho de 1964. Agora você vê o momento, né? Então, nesse meio tempo... Entre abril e junho aconteceu que eu não sei exatamente quando... Não, um dia o Emílio... Não, nós íamos almoçar naquele restaurante lá da Patologia, que agora parece que tem outro nome, né? Carlos Chagas, alguma coisa assim.

PJ: Carlos Chagas.

OM: É, naquele restaurante, um prédio assim grande, com uma rampa...

PJ: Aliás, era um prédio atrás do Carlos Chagas.

LM: É, é atrás do Carlos Chagas.

LM: Esse nome até vi recentemente esse nome diferente, era Patologia. E era lá o restaurante geral, e nós íamos sempre ao pé, do Quinino pra lá a pé. Num dia não sei porque, talvez eu já estivesse... Não sei exatamente o dia, talvez eu já estivesse no final da gravidez, o calor... Sei lá o que... Eu resolvi ir de carro. Aí fomos de carro, almoçamos, na hora de sair do almoço vem um professor, um sênior... Um sênior, que não era do contato conosco, mal nos conhecia, nunca tinha conversado conosco, ele disse: “Ah, eu vou pedir uma carona”. “Ah, pois não professor.” Entrou no carro. Assim que se instalou, colocou o cinto... que de carro é 5 minutos nem tanto.

LM: Nem tanto, é.

OM: É o seguinte, ele fez uma pergunta chave: “O que vocês acham da situação?” Eu - a situação o que podia ser, né?

LM: Claro que era a situação política, né?

OM: É. “Ah, professor, na verdade...” como é que eu falei: “Esse é um momento de grande expectativa, vamos aguardar os acontecimentos, o desenrolar dos acontecimentos”. Ponto.

LM: Ponto. É.

OM: Chegou no final, desembarcamos. Foi o que eu disse e o Emílio não disse nem uma palavra. O Emílio estava na direção, ouviu e seguiu. Eu disse isso, exatamente isso. “Esse é um momento de grande expectativa, estamos aguardando o desenrolar dos acontecimentos.”. E era mesmo.

LM: É claro.

OM: Tinha que ver o que vinha depois, né? Aí, passou-se. Este ilustre professor fez uma denúncia contra o Emílio, não sei se contra mim também, ou se não, mas talvez em respeito ao Ricardo que ainda estava para nascer, eu não fui chamada para depoimento, mas o Emílio foi. Sem saber o que era. Havia três comissões e ele foi chamado numa determinada comissão.

LM: E essas comissões eram aonde?

OM: Hum?

LM: Que comissões eram essas?

OM: Uma...

LM: Lá dentro de Manguinhos?

PJ: Uma no Olímpio da Fonseca.

LM: Lá dentro de Manguinhos mesmo?

OM: É. Uma era ali no Pavilhão, outra era da instituição e outra... não sei.

LM: Não, mas era lá dentro da Fiocruz mesmo.

OM: Era... Eu não achei, eu tenho que procurar... O livro do Dr. Herman Lent acho que detalha isso.<sup>9</sup>

PJ: Detalha.

OM: Então, ele foi pra uma delas. Não foi... Deve ter sido a da instituição, da Fiocruz. Foi chamado, chegando lá um rapaz muito atencioso deve ter atendido disse: “Olha, acontece isso assim, assim, o Dr. Fulano de tal disse tal, tal, tal... e você concorda?” Ele disse: “Eu não, não concordo não”. “Então tá, era só isso.”. Ele disse: “Não, só isso não”. Aí o Emílio também não deixava por menos, né?

LM: (**Risos**).

OM: “Só isso não, eu quero ter esse papel na mão, quero saber o que exatamente ele disse”. Ele disse: “Ah, então está bom!”. “Não senhor, só não. Eu vou levar uma cópia – não sei se falou em cópia - e eu vou estudar tudo o que foi dito e vou responder por escrito.” Emílio fez questão de responder por escrito. Eu não sei o que foi dito, não sei o que ele respondeu, mas ele fez questão disso. Mas aí se eu já estava preocupada porque a situação era tal... Vocês não viveram isso...

LM: Não, eu era criança. O Pedro viveu.

OM: Havia até casos de pessoas que foram punidas porque tinham determinado livro na biblioteca. Eu tinha... Você não sabia desses casos?

PJ: Não.

OM: Esses casos... Eu ficava até olhando algum livro que tivesse dentro de casa que pudesse causar... Nós nunca conversávamos sobre aquilo nem em casa, nem lá, né? Mas em casa com ninguém da família, com as pessoas, muito menos da família dele, até com as minhas irmãs... Mas eu vivia assustada. E volta e meia tinha uma notícia: “Olha, fulano de tal disse que viu o nome de vocês na lista de não sei onde”. Um dia: “olha nos Estados Unidos em tal lugar assim, assim e assim...”

PJ: Isso é aquela história da lista.

---

<sup>9</sup> A depoente se refere ao livro *Massacre de Manguinhos*, escrito pelo pesquisador da Fiocruz Herman Lent em 1978, cassado pelo AI-5 em 1969. LENT, Herman. **Massacre de Manguinhos**. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1978, 7º volume, Coleção Depoimentos, 70 p.

LM: Que coisa, não é?

PJ: É. Era a fofoca...

LM: A fofoca da hora era a lista...

PJ: A gente dizia o seguinte, quando a gente queria, eu era garoto, tinha de 20 e tantos anos, quando a gente queria brincar, perturbar dizia assim: “Eu vi um sujeito do lado deles na lista”. Aí era um boato, o boato rodava, esse nome vinha na lista também como um boato, mas era boato.

OM: Pois é.

PJ: Mas deixava uma tensão, o tempo todo tensão.

OM: Era boato ou não, como é que vou saber? Mas como não... Já havia um ambiente que propiciada e aí de vez em quando uma coisa dessas, não é? Era muito... Era assustador. Tinha uma coisa agora nessa história que eu me lembrei e fugiu, era realmente preocupante.

LM: Você acha que a cassação teve motivos políticos ou pessoais ou ambos?

OM: E se perguntar se política e pessoais?

PJ: Políticas e pessoais. Sim, mas o sujeito podia ter uma regra política: “Todo sujeito que se chama João está lá”, então chama João está lá. Ou podia dizer o seguinte: “Olha, ele não se chama João, mas o apelido dele vai ser João de agora em diante”, aí é pessoal.

OM: Eu não sei se você soube, mas lá nessa época, pelo menos veio parar na minha mão e na mão de outros... Uma circular, também não sei se o nome era circular, ou se era lista, ou se era recomendação, ou se era... Bom, era um papel em que fazia toda uma consideração dos fatos e determinava que cada um funcionário, cada uma pessoa se tivesse a menor suspeita sobre alguém indicasse o nome da pessoa.

LM: Nossa! Que dedo-duragem, né?

OM: Horrível, né?

LM: É, mas é feio, né?

OM: Não sei como uma pessoa não tem vergonha, né?

LM: Vergonha.

OM: De ter a coragem de colocar um documento daqueles... Eu tinha isso tudo guardado, mas saí de lá o Emílio disse: “Joga tudo fora”. Joguei tudo fora.

LM: Ah, que pena!

OM: Tudo, tudo, tudo. Então, eram papéis isso estimulava qualquer um...

PJ: ...A fazer as coisas pessoais se transformarem...

OM: Pois é. Eu ouvi dizer que alguém denunciou o laboratório do Dr. [Haity] Moussatché porque viu num sábado uma fumacinha subindo pela...

PJ: Essa pessoa que viu foi o Dr. Lejeune [de Oliveira], que ele viu lá da Ilha saindo fumaça, e disse: “Vão estar queimando documentos”.

OM: Pois é.

PJ: Está escrito. O Dr. Sebastião [José de Oliveira] escreveu a respeito disso.

OM: Pois é, entende? Era na verdade sábado e faziam almoço... Fazia o almoço e... Até me esqueci o nome da pesquisadora que trabalhava lá... Dizem que ela foi aquecer qualquer coisa lá e saiu uma fumacinha...

LM: É.

OM: Quer dizer... Então você veja, era uma insegurança total.

PJ: Isso, mas você não me respondeu uma pergunta pra mim crucial, uma pergunta é crucial. Você acha que foi pessoal ou o [Francisco de Paula] Rocha Lagoa tinha problema com os cassados ou ele pegou e fez uma coisa assim política.

OM: Olhe só, eu era uma pessoa completamente alheia a interesses administrativos, os diretores... Eu desconhecia o pano de fundo, sinceramente, sinceramente, eu mal sabia o nome dos diretores... Sabia o nome do bibliotecário, sabia o nome do professor, isso eu sabia bem. Agora, pelas histórias que eu ouvi contar depois, eu acho - é porque eu ouvi histórias, não que eu saiba - que teve as duas ações ali, teve as duas ações. Em alguns casos, caso pessoal. Por exemplo, o um caso do Chico Trombone<sup>10</sup>, eu sei porque ele contou.

PJ: Eu me lembro dessa história.

OM: Você se lembra, né?

PJ: Eu me lembro que ele contava, teve o negócio das cobras com o Rocha Lagoa...

OM: Isso, isso.

PJ: Conta aí a história pra gente.

OM: Pois é, o fato é que houve um momento que um pesquisador precisou de uma cobra...

PJ: Era o Rocha Lagoa.

**[1:00:00]**

OM: O Rocha Lagoa precisava, né? E ele não conseguia. O fato é que o Chico que era o auxiliar, pegou o material e levou... Não sei, eu sei que ele pegou o material do Rocha Lagoa eu acho e levou pra outro professor e o Rocha Lagoa soube e disse [que] um dia pagaria por isso. E quando o Chico mais tarde precisou de algum documento, ou um passo adiante...

LM: O retorno veio.

---

<sup>10</sup> Francisco José Rodrigues Gomes, conhecido por muitos como Chico Trombone, nasceu em 17 de março de 1911 e faleceu em 27 de maio de 1991, no Rio de Janeiro. Trabalhou em várias seções e oficinas, como as de entomologia, fisiologia, carpintaria e vidraria no IOC.

OM: Quer dizer foi uma coisa pequena, não foi de política daquela época, mas existe esse lado das pessoas, né?

LM: De repente as pessoas se beneficiaram com o contexto político, então já tem uma diferença com uma de terminada pessoa: “Eu vou aproveitar esse momento e deflagrar alguma coisa que possa prejudicá-la politicamente”.

OM: Eu não sei, eu sinceramente eu não tenho nem tinha malícia pra ver essas coisas, não tenho mesmo, não tenho, não tenho não. Então é muito difícil pra mim avaliar dentro da minha própria opinião, mas eu acredito que tenha havido um interesse dos dois, o lado pessoal em alguns momentos, alguns casos, e o lado político também, eu acho.

PJ: O que você fez em termos profissionais depois da cassação?

OM: Depois da cassação?

PJ: É.

OM: Eu continuei trabalhando no laboratório, como sempre, nós não estávamos impedidos de trabalhar e da mesma forma nós continuamos trabalhando até quando foi possível, né?

LM: Sim.

PJ: Depois é que você foi pra...

LM: UFRJ.

PJ: Não, pro Instituto do Câncer.

LM: Ah, foi pro Inca primeiro.

OM: É, mas aí... Aí foi por... Foi o momento em que a Fundação foi criada, a Fundação Oswaldo Cruz, não é?

LM: É, que aí teve que fazer aquela opção, né? Que a senhora falou...

OM: Fazia a tal opção.

LM: Quem ficasse seria servidor público...

OM: Eu queria ficar... Eu queria ficar. Sofri muito, eu sofri muito. Não sei como não tive um infarto, mas eu sofri muito. E fui afetada por isso durante muito tempo. Era a minha casa, a minha mansão. Eu gostava de todos na instituição...

LM: Já trabalhava há mais de 10 anos lá.

OM: Já. Nós saímos de lá em 1978.

LM: Quase 20 anos.

OM: Eram 20 anos. Foram 20 anos. Mais de 20 anos porque eu entrei antes de 58. Entrei em 53, 25 anos. Era a minha dedicação total aquilo. Eu senti muito. Então ficávamos trabalhando e veio opção... então como foi a opção? Nós tínhamos pensado inicialmente em ficar lá. Aconteceu um detalhe também, esse também é... O Emílio não concordava

com certas coisas que estavam sendo realizadas lá, os critérios pra não aceitar as pessoas - porque a pessoa optava e ia ser examinado: fica ou não, aceitava ou não, não é? Então, nós soubemos, o Emílio soube de uma pessoa de lá competente, séria, muito séria, dedicada ao estudo, dedicada à pesquisa que queria ficar lá, gostava tanto da instituição como nós, queria ficar lá, optou por ficar, não aceitaram. Emílio não acreditou: “Não acredito! Por que isso? Se não quisesse ficar tudo bem, mas ela optou, ela quer ficar”. E ele então foi ao diretor, ao presidente...

PJ: O Vinícius [da Fonseca]<sup>11</sup>.

OM: ... Foi ao Vinícius, né? E disse: “Por quê?” Ele não entendia... Porque eles também estavam querendo que nós fizéssemos a opção e nós estávamos querendo ficar. Eu, pelo menos, ficava, não tinha dúvida nenhuma, eu queria ficar. Aí o Vinícius... O Emílio queria saber e ele disse: “Não, é porque nós soubemos que é uma pessoa de trato difícil”. Mas isso é critério?

LM: Mas isso é subjetivo demais, gente!

OM: Isso é critério pra não aceitar ou aceitar?

LM: Não deveria. Né?

OM: Emílio começou... Era inabalável, aquilo era um fato decidido e Emílio ficou assim: “Eu não posso aceitar uma coisa dessas. Como é que eu vou... desde já estou aprovando, aceitando um critério que eu concordo, não concordo. Não vamos ficar, não vamos aceitar”. Entendeu? Ele não ficando, eu não ficava também.

LM: Sim.

OM: Mas eu também não concordava com aquilo não. Até hoje a pessoa não sabe, saímos por causa dessa pessoa.

LM: Certo.

OM: Porque nós não concordávamos com isso, essa pessoa não sabe, espero que nunca saiba. Saímos de lá.

PJ: Você não concordava com o Vinícius [da Fonseca], essas posturas que o Vinícius colocava, né? Você não concordava com essas coisas do Vinícius.

OM: Com essas.

PJ: Agora voltando numa parte anterior: o Lagoa chegou a perseguir vocês?

OM: Eu não senti... Se perseguiu? Nós não... Nós dois?

PJ: É.

OM: Não, nós éramos insignificância para ele. Não. Não perseguiu, não senti isso, não. E, assim, não se trata de perseguir, a única coisa que aconteceu que realmente, foi lá nos

---

<sup>11</sup> Economista oriundo da Secretaria de Planejamento (Seplan), foi designado pelo ministro da Saúde, Paulo de Almeida Machado, para a presidência da Fundação Oswaldo Cruz de 1975 a 1979.

primórdios. Foi em relação aquele nosso livro, o livro que foi ideia do Luís Paulo [Ribeiro] sobre eletroforese.

PJ: Eletroforese. Isso é um livro...

OM: Deixa eu ver... Eu separei pra mostrar pra vocês... Vocês me desculpem.

LM: **(pausa)**

OM: Vocês não têm ideia do trabalho que foi aquele livro. Acontece que nós fizemos o trabalho, a ideia surgiu do Luís Paulo, que já tinha aprendido a técnica, já tinha até publicado um trabalho como pediatra, o pediatra já usava, ele aprendeu com... O Luís Paulo aprendeu com ele, estava envolvido nisso e era uma técnica muito simples que podia ser aplicada por qualquer um e ter resultados fabulosos porque era de uma aplicabilidade incrível na pesquisa, na clínica. Só que não havia nada escrito em português e o Luís Paulo... E nós aplicávamos, nós usávamos nos nossos trabalhos, estávamos sempre usando a eletroforese: “Vamos publicar alguma coisa, um trabalho pra divulgar essa técnica porque merece ser divulgada”. “Vamos.” Nós enfrentamos. Olha, nós fizemos... Eu, modéstia à parte... Eu falo porque o trabalho não é meu. Foi um trabalho... Aqui está. Isso aqui foi o primeiro... Entregamos o material do nosso entender tão importante, tínhamos contato com o exterior, professores lá mandaram suas fotografias, mandaram resultados de trabalho...

LM: O nome do livro é *Eletroforese em papel e métodos relacionados*.

OM: Isso.

LM: Está aqui, Emílio Mitidieri. Otilia R. Affonso. **(Risos)**

OM: Isso.

LM: Luís Paulo Ribeiro também. Que bacana!

OM: Foi iniciativa do Luís Paulo, ele perguntou se nós queríamos... Nós nos dedicamos a isso. Então, partimos desde a história da eletroforese, porque antes da eletroforese em papel era equipamentos pesados, depois as condições, a teoria da físico-química, de todo... Depois os métodos, a utilidade, depois todos os resultados que nós tínhamos que eram muitíssimos, nós propagávamos e usávamos sempre, resultados do exterior por pesquisadores que mantinham correspondências com o Luís Paulo, mandavam até os resultados inéditos e tudo... Foi uma coisa muito...

LM: Poxa, que obra de fôlego, né?

OM: Veja lá as referências, as referências, tinha mil e tantas referências.

LM: Gente!

OM: Todas elas... todas elas...

LM: 2547.

OM: Essa aqui já era maior. Depois aumentou.

LM: Impressionante. Impressionante.



OM: Todas elas rigorosamente inseridas no texto porque fizemos a leitura...

LM: De tudo isso.

PJ: Naquele tempo, isso era religião, você tinha que ler no original pra citar, não se citava porque alguém citou.

OM: Exatamente. Não foi porque ouviu dizer.

PJ: Ouviu dizer. Isso...

OM: Não era.

LM: Impressionante.

PJ: Isso foi incutido na cabeça da gente.

OM: Então foi um trabalho...

PJ: Citação de citação não existia, tinha que entrar no original e não tinha internet.

OM: Não, não!

LM: Pois é.

Re Não, não tinha facilidade do computador como hoje.

PJ: Tinha que pagar o tal de Comut<sup>12</sup> que mandava buscar coisa e aí vinha aquela conta...

LM: Nossa Senhora!

OM: É, realmente esse Comut foi mais tarde porque naquele tempo...

LM: Comut já é década de 70.

PJ: O nome era Comu ou Comut.

LM: Comut, era Comut.

OM: Isso já é modernizado pra mim.

LM: É. **(Risos)**

OM: Foi um trabalho, sinceramente feito com o maior capricho, os desenhos, os gráficos, com todo o rigor matemático.

LM: O rigor, né?

OM: O Emilio. Todos os gráficos do laboratório era o Emílio que fazia com toda a precisão. Aqui esses dados todos...

LM: Impressionante.

PJ: A técnica é utilizada até hoje, muito.

---

<sup>12</sup> Programa brasileiro de comutação bibliográfica.

OM: Eletroforese? Já modificada, né? Então, dali nós entregamos aquele material, na nossa inocência, um trabalho tão bom, tão bem feito, com tanto rigor... Fomos entregar ao diretor pra ele publicar como monografia do Instituto, não é por vaidade nossa não.

LM: Que coisa!

OM: Era pra divulgar que aquilo tinha que ser, nós queríamos que fosse publicado.

LM: É.

OM: Aí é que está a grande questão. Esse nome é que eu esqueci, desse diretor, esqueci, mas eu vou me lembrar... Não importa.

LM: Não importa.

OM: Também não importa, não faço caso. O importante é que ele aceitou e eles levaram lá pra ele avaliar e se ele concordava em publicar, o instituto publicar. Pra avaliar, pra estudar. Então um tempo depois foi perguntar ainda não tinha ainda feito a avaliação, ainda não tinha lido e o tempo foi passando... E é o tipo da coisa que não pode passar muito tempo.

LM: É, tem uma validade, né?

OM: E os resultados estavam inéditos... E o tempo passando, e o tempo passando, e o tempo passando... Não é possível. Aí Emílio e Luís Paulo... Eu não fui, foram ao gabinete querendo uma resposta, insistiram, insistiram, insistiram aí ele disse que não, que não publicava, que não aceitava a publicação. Mas e por quê? Aí que é o interessante da história. Porque nós éramos muito jovens.

LM: Ham!

OM: Foi o que foi dito, nós éramos muito jovens.

LM: Caramba!

OM: Nós tínhamos 20 e poucos anos, né? 25, por aí, éramos muitos jovens, não podíamos publicar trabalho...

PJ: Tinha uma ideia que os pesquisadores dessa época, eu cheguei... Eles eram muito elitistas, né?

OM: Pois é, aí que está, eu vi isso ali, não concordo com o Luís Paulo, com essa afirmação. O Luís Paulo disse que eram... Se bem posso ser meio desligada, né? Eles conversavam comigo...

PJ: Mas eles eram elitistas, eles mantinham uma distância... Eu era muito garoto, está entendendo?

OM: A distância que eu via eu mesma me colocava nessa distância porque era uma distância de idade.

PJ: E de cultura, eles eram muito cultos. Tinha alguns lá também desse grupo que eram extremamente cultos, então eles tinham essa... Passavam a mão na cabeça e achava, no meu caso, que era um jovem promissor, etc., mas mantinham uma distância.

OM: Pois é.

PJ: Hoje a distância diminuiu.

OM: Pois é. Nós já tivemos... Olha, só, o curso do Instituto... Que depois da bioquímica fiz outros cursos, aquele curso grande de ano inteiro eu fiz. Aí vários professores participaram...

PJ: Curso de Aplicação.

OM: Curso de Aplicação. Era o Gobert, foi o Genésio [Pacheco], foi... enfim, todos eles. Uma ocasião o Genésio estava presente, e um outro que estava em observação e Genésio foi e disse assim: “Veja bem, esses...” - como é que foi? – “esses jovens sabem muito mais do que nós”, entende? E é o que eu digo também dos jovens de hoje, sabem coisas que eu não sei, né? Porque a ciência vai evoluindo...

LM: Sim.

OM: Mas o Genésio... Eu não acreditava que uma pessoa daquele nome, daquela... Eu que me colocava naquela distância... “Esses jovens sabem muito mais do que nós”. E me lembro também nesse curso em que eu fazendo uma prática lá e o Genésio me fez uma pergunta lá em relação ao funcionamento de alguma coisa e eu não soube responder, ou respondi errado, ele disse: “Não, é questão de tensão artificial”. Eu não sabia. Então eu não sei tanto quanto ele, ele sabia mais do que eu, né? Aí é que vale. Então é muito interessante. Então nós éramos jovens, mas aí depende do ponto de vista também da posição de cada um, não quer dizer que todos elitistas não.

PJ: Mas não consegui publicar pelo Instituto.

OM: Não, aí não. E não queria nem devolver, o pior era isso, não queria devolver.

LM: Nossa!

OM: Não!

LM: Que apropriação do trabalho!

OM: Não, não queria devolver. Aí nós lá conversando: “Não, o trabalho é nosso, nós temos direito.”.

LM: É claro!

OM: Então, “temos que ter esse trabalho em nossas mãos, de qualquer forma.” Aí nós vamos ter que conseguir... (**cochichando – medo deles botarem fogo, deles queimarem**). Então “nós vamos conseguir esse trabalho que é nosso de qualquer forma, temos que conseguir a devolução desse material”, era muita coisa. Tudo isso aqui manuscrito, você imagina.

LM: É.

OM: Então foram os dois, não sei que argumentos eles utilizaram, vieram com o material de volta.

LM: É? Ham-ham. Consegui ter de volta.

PJ: Moralmente era inviável o sujeito reter o material, a força foi moral, o argumento foi moral. Apropriação indébita.

LM: Apropriação indébita.

PJ: Roubo.

LM: Roubo do trabalho alheio.

LM: Pior que naquela época não tínhamos os recursos de hoje.

LM: Sim.

OM: E não tínhamos gravado aquilo.

LM: Pois é. Não tinha cópia.

PJ: Não tinha cópia.

OM: Era o original aqui. Era o original.

LM: Imagina! Nossa senhora.

[1:15:00]

OM: O que é que nós vamos fazer? Vamos publicar, porque nós temos que passar isso adiante. Porque nós achávamos muito importante. Então não tínhamos condições financeiras pra aquilo, o Luís Paulo teve uma ideia, recorrer ao serviço gráfico do IBGE.

LM: Hum-hum.

OM: Então foram e eles que conseguiram.

LM: Lá em Parada de Lucas.

OM: Não sei, eu não fui. Não fui, deve ter sido o Luís Paulo mesmo... Eu não sei se o Emílio foi junto não, não lembro disso não, mas foi iniciativa do Luís Paulo, foi e conseguiu, mas tinha uma condição: eles só faziam mil exemplares, nós queríamos...

LM: Está bom demais! (**Risos**)

OM: ...mil exemplares. E tinha outra condição, não podia ser vendido, também nós não iríamos vender.

LM: Não iriam vender.

OM: Então foi isso... O material não era encadernado não, era brochura.

PJ: Uma capa cinza.

OM: Com uma faixa verde.

PJ: Verde. Exatamente.

OM: Lembra disso? Você é... Como que é que se diz... da história...

LM: A testemunha.

OM: Minha testemunha.

LM: Uma testemunha.

OM: Uma testemunha. Aí recebemos aquele material, já impresso. O que nós fizemos? Distribuimos para todas as bibliotecas de universidades que tivessem algum interesse em relação àquele assunto, né? Todas no Brasil. Ficamos procurando as bibliotecas... (inaudível) – porque brochura também estraga com o tempo - e também depois para pesquisadores que nós sabíamos que trabalhavam naquela área, então mandamos.

E aí começaram imediatamente a vir pedidos de pessoas que não tinham recebido, tinham tido o material na mão e queriam um exemplar. Então nós não tínhamos, nós tínhamos distribuído. Telefonaram pra o Dr. [Gilberto] Villela, passados uns 15 dias recebia cartão, eu até tenho até aí dentro da correspondência dele... Pedidos da obra que foi realizada pelos seus assistentes, entende? E o doutor Villela também não tinha, não tínhamos o material. Então, o que isso me mostra hoje em dia? Que foi um sucesso.

LM: Com certeza.

OM: Foi um sucesso mesmo, sabe? Uma coisa que nós não esperávamos. Esperávamos, sim, que fosse útil, claro às pessoas que recebessem, utilizassem. Mas teve mais ainda, o sucesso não ficou restrito ao nosso ambiente nacional, foi internacional aqui... Aqui tem o nome dos pesquisadores que entraram em contato, pesquisadores estrangeiros, que entraram em contato com editoras aconselhando a tradução do livro para a língua inglesa.

LM: Olha!

OM: Isso foi muito além?

LM: Muito além.

OM: Você acha que se nós tivéssemos... Não é desmerecendo não, mas se tivéssemos tido esse material escrito, publicado como uma monografia do Instituto Oswaldo Cruz teria tido essa...

LM: O impacto, né? Esse impacto...

OM: Né? Não, essa divulgação que nós queríamos. Não, nós não estávamos nem cogitando isso. Aqui está os agradecimentos da edição inglesa, nós colocamos o agradecimento inclusive a esses professores que nós soubemos que entraram em contato com as editoras.

LM: Deve estar aqui no prefácio, né?

OM: Está aqui. Prefácio...

LM: Aqui.

OM: Aqui. (a depoente cita alguns nomes) ele é de Paris.... Todos eles fizeram recomendações às suas editoras. Provavelmente eles tinham contato com essas editoras e recomendaram a publicação do livro. Nós optamos pela Elsevier, porque a Academic Press, a Pergamon Press e a Elsevier, os três entraram em contato conosco e nós tínhamos que escolher, escolhemos a Elsevier, que é esta aqui. É o que eu digo às vezes pra os

estudantes que ficam aborrecidos porque erraram no trabalho, uma experiência... Eu digo: “Gente, às vezes o insucesso, o erro...”

LM: É a ponta pra outras coisas.

OM: É, para uma solução que é muito melhor, né?

LM: É.

OM: Indica um caminho. Você errou aqui, mas o erro não é um erro, é só um ponto discrepante, esse ponto discrepante não é um erro seu... Pode ser, mas pode não ser....

LM: Hum-hum.

OM: ...pode estar indicando um caminho diferente que vai apontar uma coisa nova.

LM: Claro.

OM: E acontece, e acontece. Já aconteceu lá no laboratório também. Então, é a maneira de ver as coisas, né?

LM: É. Com certeza.

OM: Não sei por que eu desviei, você estava no caminho e eu...

LM: Não, a gente está falando do livro...

PJ: Não, não, estou falando coisas dentro...

LM: Estamos no caminho.

PJ: Porque na realidade a pergunta é para nos orientar para onde vai o caminho, agora quem dá a direção é você.

LM: É.

PJ: Por exemplo: “Atualmente quais são as suas atividades?” E a outra pergunta é: “Como você vê a instituição hoje, o Instituto Oswaldo Cruz?” Primeiro é: quais são as suas atividades, o que você faz hoje.

LM: Saiu do IOC, foi pro INCA...

OM: É. Eu saí do IOC porque... pelas razões que vocês sabem, né?

LM: É.

OM: Nós estávamos lá... não éramos só nós não, eram oito, se não me engano eram oito pesquisadores do Instituto que estavam em disponibilidade que não iam ficar no Instituto e éramos do ministério da saúde e o ministério não sabia pra onde mandar. Nesse meio tempo o Dr. Fontana...

LM: O Pedro Fontana.

OM: Pedro Fontana ele conhecia o diretor... O professor Hugo Caire Castro Faria, que era da UERJ, que era da bioquímica e era também o diretor, pesquisador, chefe do laboratório de pesquisa do Departamento de pesquisa do INCA. E o Dr. Hugo estava

numa encruzilhada também, porque o Instituto Nacional do Câncer estava praticamente inexistente a pesquisa lá. Era só o Dr. Hugo e ele levava seus alunos da UERJ com todo o entusiasmo, botava os alunos lá e que eram ótimos alunos, mas pesquisa mesmo produtiva não tinha. E o Dr. Hugo queria dar força à pesquisa porque se não tivesse pesquisa, isso ele dizia, se não tivesse pesquisa, deixava de ser Instituto. Isso é o que ele dizia, passava a ser simplesmente um hospital de câncer. Então, sendo assim, ele fazia questão, procurava... quando ele soube que tinha dois pesquisadores em disponibilidade...

LM: A chance é essa, né?

OM: Ele aproveitou a possibilidade de transferência, que era mínima, mas como todos eram do Ministério da Saúde era fácil a transferência e ele então daria desenvolvimento à pesquisa lá. Então, foi por isso que nós fomos pra lá. Não é que nós fôssemos de imediato fazer a pesquisa porque as condições também não favoreciam, não favoreciam, mas foi o motivo que nós fomos pra lá, e o Dr. Hugo merece, por conta dos novos pesquisadores que estão lá, por conta de uma consideração maior, talvez não saibam do quanto ele foi importante para a manutenção da pesquisa no Instituto Nacional do Câncer. O pessoal não sabe disso não, mas então foi essa a ponte que nos levou pra lá. Aí você quer saber por que eu saí, porque eu estava lá e depois saí de lá, né?

PJ: E, depois você foi pra UFRJ.

OM: Pois é, o que aconteceu... Depois analisando isso tudo eu diria: meus ciclos de 20 anos...

LM: (risos)

OM: Foram 25 anos na Fiocruz, fui pro INCA... O INCA naquela adaptação, anos pra começar a trabalhar na pesquisa, anos, muitos anos, mas conseguimos. Depois veio uma reforma também de lá e aí veio os 70 anos.

LM: Ah!

OM: Isso é uma data...

LM: Ham!

OM: Jamais faça 70 anos, hein? Não faça 70 anos porque a vida acaba.

LM: Porque é o tempo de se aposentar forçosamente.

OM: Pois é, tive que me aposentar...

LM: Isso é tão violento, não é?

OM: Ah, mas o mais interessante...

LM: Isso é muito violento, eu acho.

OM: É, é violento sim, mas interessante é que quando nós estávamos naquela situação na Fiocruz sem saber pra onde ia, com toda essa situação em volta, todos sabiam nas universidades, nos laboratórios que nós éramos... Não só nós, éramos pessoas que estávamos numa situação insegura, não é? O que acontece...

PJ: E desse grupo era você, Fontana... Você se lembra?

OM: Eu, Fontana, Emílio, Luiz Augusto Abreu, Regina Abreu e... nós éramos oito, mas não sei os outros quem eram não, mas eu sempre menciono que eram do laboratório do Dr. Villela.

PJ: Era o Laboratório...?

OM: Do Doutor Villela.

PJ: Do Doutor Villela.

OM: Dr. Villela mais o Héliom Póvoa, que inicialmente estava no laboratório, mas naquela ocasião, não... Os outros três eram de outros locais, não eram do laboratório, mas o laboratório do Dr. Villela era... O Luís Paulo já tinha... Ele saiu, né? Era Emílio, eu, o Abreu, Regina e Fontana... mas aí estávamos nessa situação, me telefonou aqui pra casa o dr. Leopoldo Clemente, conhece, né?

PJ: Conheço.

OM: Dr.: “Ah, Otília...” Ele disse da nossa situação, estava convidando nós dois pra irmos pro laboratório dele, ofereceu-nos o laboratório dele. Isso é uma coisa que pouquíssimas pessoas fazem.

LM: É.

OM: Ceder um pedaço do seu laboratório.

LM: Foi generosidade, né?

OM: Sim. É uma coisa que não é qualquer um que faz. Ceder o seu endereço, o seu nome... Ele fez, mas nós não podíamos aceitar porque no dia anterior tínhamos nos comprometido com o diretor do [Instituto Nacional do] Câncer.

LM: Hum-hum.

OM: Entendeu? Como é que podíamos agora de repente: “Ah, diretor, não queremos mais não...” Eu falei, expliquei ao Leopoldo, agradei o convite, mas disse a ele que a gente não podia por causa desse processo. Quando cheguei aos 80... aos 70 anos - já estou aumentando minha idade...

LM: (**Risos**)

OM: Quando cheguei na compulsória lá no laboratório no INCA eu tinha três alunos que estavam... Eu fui terminando as coisas antes porque eu sabia que aos 70...

LM: É.

OM: Eu tinha emprestado um aparelho... há anos atrás tinha emprestado um aparelho que a responsabilidade era minha, tinha emprestado à UERJ que eu sabia que eles estavam precisando muito. Era muito mais fácil eu emprestar e deixar lá o aparelho, do que eles virem...

LM: Virem ao laboratório.



OM: Então fiz um processo de emprestar... Era tudo legalizado, né? Fiz um processo dentro daquilo, cada parafuso, cada borrachinha, tudo ali emprestei à UERJ. Um ano e meio antes dos meus 70 [anos], eu já prevendo escrevi pra lá pra direção: “no dia tal, tal e tal estarei tendo que me afastar por motivo dos 70 anos, da compulsória, eu queria que vocês...”

LM: Por favor...

OM: “Adaptassem o trabalho de vocês pra uma interrupção porque eu pretendo trazer de volta o equipamento”. Muitos alunos... porque essa foi uma coisa que foi perfeita. E aí recebi de volta aquele equipamento. E aí eu me preparando e com isso meus alunos deixavam... Mas tinha três que estavam naquela fase final de uma monografia, coisa modesta, né? Mas já tinha um compromisso com o CNPq, e como é que eu ia dizer... Ia levar eles pra minha casa, terminar com o meu endereço? Não era possível. Aí eu fui lá na UFRJ. Bati no laboratório do Leopoldo: “Ah, Ottilia, você! O que você quer?” “Quero lhe fazer uma pergunta, Leopoldo: está de pé aquele convite?”

LM: De alguns anos atrás.

OM: Ele disse: “Claro que está! O que você quer?” 20 anos depois.

LM: 20 anos.

OM: Ele me perguntou... “Está de pé aquele convite?” “Claro que está”. “O que você quer?” Eu disse: “Só o endereço”.

LM: (**Risos**)

OM: Mais nada. Na mesma hora ali ele virou a cadeira e foi pro computador: “Declaro Ottilia Affonso Mitidieri a partir desse momento tem como endereço profissional o laboratório...”, deu o endereço.

PJ: Você chegou a ter algum vínculo de emprego ou bolsa?

OM: Não, não.

LM: Não.

OM: Aí, nesse caso quando eu dizia: “Não, eu fui convidada” - porque o convite tinha sido há 20 anos, ele disse que estava de pé, aí fui convidada. Mas aquela coisa restrita era pra... E a Vivian, a chefe, a Vivian Rumjanek... Não sei se você conhece...

PJ: Não.

OM: Você não conhece Vivian?

PJ: Não.

OM: Ela era a chefe do... Então, ela casou com o Leopoldo, né? Quando ela soube que eu estava lá que o Leopoldo tinha dito... E ela tinha sido do INCA, ela tinha sido coordenadora lá. Então, me chamou pro laboratório dela, então eu fui para o laboratório de Imunologia Tumoral. Então o meu endereço era a universidade, mas trabalhando no Laboratório de Imunologia Tumoral.

LM: Sim.

OM: Então até foi muito engraçado porque uma vez... Você lembra do Nelson Vaz?

LM: Lembro.

OM: Lembra?

OM: Um dia ele foi... Na época ele foi convidado pro nosso laboratório...

PJ: Ele foi pra Brasília uma época...

OM: É, essa coisa toda. Então, ele quando me viu no laboratório lá, ele escreveu assim: “Biochemistry”.

[1:30:00]

LM: (**Risos**)

OM: Num laboratório de Imunologia Tumoral e eu estava lá como bioquímica (**Risos**) Então, foi a marca da minha entrada. E assim foi. Posteriormente... Ultimamente, então fizeram... Ah, e o diretor, eu fui até o diretor de lá, me apresentei que eu estava com uma autorização legalizada para a minha permanência lá. Não sei que tipo, era convidada, coisa que o valha. Ultimamente era pesquisadora voluntária...

LM: Voluntária.

OM: Foi oficializado...

PJ: Foi criado pra você.

OM: É.

LM: (**Risos**)

PJ: Isso não existe.

LM: Um cargo que foi criado pra ela.

OM: Era um prazo de 36 meses. Termina agora em maio, termina em maio. Então, foi assim que eu fui pra lá pra a UFRJ, né? Quando cheguei no laboratório da Vivian... Bom, de saída, eles tinham mandado um trabalho pra publicação e o trabalho foi devolvido, dizendo que era um trabalho que eles não recusavam, mas que merecia uma nova avaliação que fosse feita análise de catalase tal, tal e tal. Eu cheguei no laboratório, Vivian me ofereceu: “Otilia, isso assim, assim e tal...” Peguei o material, então – surpreendente! A aluna reproduziu aquilo com tal perfeição que, em um mês, o trabalho foi enviado pra lá e aprovado.

LM: E aprovado.

OM: Aprovado, entendeu?

LM: Que legal!

OM: Então foi de imediato, então entrei com o pé direito, foi positivo, né? Sempre essas coisas são importantes, porque foi meu primeiro trabalho ali. E também tem um movimento importante do meu primeiro trabalho lá na Fiocruz, mas aí de saída eu vi que seria muito difícil eu montar aquele laboratório que era de imunologia, para o meu ambiente, para a minha linha de pesquisa, era muito difícil e eu ia atrapalhar o laboratório, eu não queria... Porque aquelas três alunas, era o final de projeto, terminaram e foram embora. E lá fiquei eu, mas aí eu não quis introduzir uma linha minha, mas era chamada de vez em quando pra uma coisa ou outra, com delicadeza e assim fui levando.

LM: E ficou mais 20 anos lá assim?

OM: 20 anos.

LM: Nossa!

OM: 20 anos.

LM: Eu estou falando isso porque a senhora falou dos seus ciclos de 20 anos, anos, né? De 20 em 20 anos...

OM: Eu saí, em 78 fui para o INCA...

LM: Ficou até 98.

OM: Em 1998 eu saí do INCA...

LM: Foi pra UFRJ.

OM: 20 anos, entende? É muito interessante.

LM: É uma vida muito plena, né?

OM: Agora, por acaso, eu falei do meu primeiro trabalho lá, vou contar uma história do meu primeiro trabalho também na Fiocruz. Você deve estar assim já cansado, né?

PJ: Não, não.

LM: Não.

LM: Inclusive, não estou cansado e faltam só duas perguntinhas. Você tem o tempo que você quiser.

OM: Então, vou contar essa história, porque essa história foi bem comovente - o material está por aí, está numa pasta ali. Nós estávamos trabalhando, eu entrei, o Dr. Vilella trabalhava naquela ocasião em ácidos nucleicos, estava estudando os ácidos nucleicos. Com isso, ele dava o estudo de purinas e pirimidinas, e o ciclo de enzimas ali englobava xantina oxidase, desidroxidase, guanase... todas essas coisas, né? E o Dr. Villela estava trabalhando naquele momento com xantina oxidase - já tinha começado antes com o Emilio, porque o Emilio entrou no laboratório antes de mim, já tinha até publicado um trabalho.

Então, dosava xantina oxidase medindo, em microbits, a quantidade de oxigênio consumida numa reação, usava para isso o aparelho de Warburg, que tinha lá, todo montado e tal. Uma beleza! E quando eu entrei, eu era marinheira de primeira viagem,

outros tinham suas linhas de pesquisa e eu fiquei junto com o Dr. Villela então fazendo isso. Logo aprendi a técnica de dosagem da xantina desidrogenase, então enquanto ele fazia a oxidase, eu fazia a desidrogenase, aí resolvemos ver a distribuição intracelular da enzima – entende, era nossa curiosidade. Então, fizemos aquela centrifugação diferencial, separamos núcleo... Aí fizemos em cada fração a dosagem da oxidase, da desidrogenase e o Dr. Villela ia para o microscópio para caracterizar as pesquisas usando os corantes adequados e tudo, para confirmar os resultados e também o hidrogênio de cada fração.

Com isso, nós tínhamos os resultados se repetindo, sem sombra de dúvida, não tinha dúvida nenhuma, os resultados eram aqueles mesmos, sempre, sempre, sempre. Depois até mostramos o resultado pro Dr. Villela, quando eu mostrei os resultados, ele ficou um tanto – eu vi pela expressão dele, que o resultado não correspondia ao esperado, mas era aquilo, eu não tinha dúvida nenhuma e o que tinha, era aquilo, e o do Emílio também não batia com os meus dados.

Por que não correspondia? Porque a xantina dos nossos resultados estava nos sobrenadantes nem núcleos, nem mitocôndrias, nem microsomas, nenhuma. O esperado é que ele estivesse na mitocôndria, porque a uricase está na mitocôndria porque a xantina oxidase leva a hipoxantina, a xantina e o ácido úrico. Então, se a xantina oxidase faz isso e existe uma uricase, o racional, o razoável é que as duas enzimas estejam próximas: se a uricase está na mitocôndria, a xantina oxidase deveria estar, mas os resultados não eram, absolutamente não eram.

LM: Ih, caramba!

OM: Aproveitaram e publicaram. A *Nature* publicou isso – um trabalhinho. E depois nós ficamos com essa história. Por que isso? Então resolvemos fazer eletroforese, né? Sempre a eletroforese... Fizemos a eletroforese de várias frações, das frações proteicas e das frações das atividades da enzima, e vimos que as atividades das enzimas estavam sempre coincidindo na fração das lipoproteínas, sempre. Esse resultado foi outro trabalho. Mandamos pra publicar. E aí vem a surpresa... vocês estão sentados esse tempo todo e eu não paro de falar.... vocês é que deveriam estar sentados aqui (preocupação com o cansaço dos entrevistadores) ... de surpresa. Um pesquisador da Universidade da Pensilvânia, na ocasião era New Jersey, depois é que mudou. Ele dizendo que tinha lido nossos resultados, tinha usado os nossos dados - ele era professor de bioquímica, não sei de que cadeira, mas era na faculdade de medicina, ele usou os nossos dois trabalhos para compor uma aula pros alunos dele com os nossos dados...

PJ: Que legal!

OM: E aproveitando aquilo tudo para repassar aos alunos a noção da lei de ação das massas, usando os nossos dois trabalhos e os nossos resultados. E depois escreveu um trabalho contando o que tinha feito nessa aula e mandou publicar na revista *Chemical Education*.

LM: Olha só!

OM: ...mandou pra nós uma separata. Esse é meu primeiro trabalho.

LM: Que coisa linda!

OM: Esse foi meu primeiro trabalho! Não era meu trabalho só, mas meu nomezinho estava ali, né?

LM: Dra. Ottilia, a senhora teve uma trajetória linda!

OM: Olha só...

LM: Linda!

OM: Pena que tudo parou, tudo parou assim...

LM: Nossa, não é?

OM: Mas aí, aí nós depois demos continuidade ao trabalho, da lipoproteína. Conclusão, nós concluímos: a xantina deve estar mesmo nas lipoproteínas ali próximo, quando nós fazemos ali a centrifugação diferencial, ela, se liberava... ela não ficava na mitocôndria, ficava na ...

LM: Hum-hum.

OM: Não é um trabalho bonito? Não, o trabalho pra nós foi simples, mas foi sempre assim.

LM: Ah, mas foi significativo, né? Pelo impacto gerado também. Muito bacana.

OM: Então, é isso.

PJ: Doutora, tenho mais uma perguntinha, quer dizer, mais duas.

(pausa para um refresco)

PJ: Considera que a Fiocruz aproveitou convenientemente os seus conhecimentos? Considera que a Fiocruz aproveitou seus conhecimentos?

OM: Meus conhecimentos não tinham nada mais assim do que eles já tinham. Não foi nada de extraordinário, não. Não, meu grupo aproveitou, nossos amigos aproveitaram, eu aproveitei.

LM: E vocês foram reconhecidos nisso? A senhora considera que foram reconhecidos?

OM: Não, não. Eu falo pelo Dr. Villela.

LM: Não.

OM: Não foi reconhecido, ele desapareceu, né? Não foi reconhecido. Entendeu? E se o doutor Villela não foi, eu posso falar a mesma coisa de mim. Isso eu digo a mesma coisa em relação a... já não... Não alterou, não alterou a vida da Fiocruz.

PJ: A outra coisa, a outra pergunta é assim, o que pensa sobre o futuro institucional, o que você pensa você olhando, agora de fora, o que você acha...

OM: Da Fiocruz?

PJ: Da Fiocruz.

OM: É muito difícil eu pensar sobre isso, avaliar, primeiro que não estou lá dentro, não estou sentindo, não estou vivendo...

LM: A vibração do lugar, né?

OM: Não posso avaliar as dificuldades, os problemas, a convivência. A convivência no nosso tempo era excelente, digo, a troca entre as pessoas.

PJ: Agora é muito grande, quando você estava lá e eu, devia ter cerca de 500 funcionários, hoje tem mais de 10 mil.

OM: Ah, pois é, começa por aí.

PJ: Você entrava no banco... banco não, na fila de receber o pagamento ali embaixo conhecia todo mundo: “Oi!” “olá!”

OM: É.

PJ: Então, conhecia tudo mundo.

OM: Todo mundo se conhecia, todos se conheciam.

PJ: Agora é impossível.

OM: É. Todos se conheciam, todos se respeitavam. Eu digo, eu tinha uma maneira de ser que talvez não seja igual a de muitas outras pessoas, você não via... Eu via todo o lado bom das coisas e era muito bom mesmo.

PJ: Era bom. Era bom demais!

OM: Era muito bom mesmo. Você viveu esse tempo, um pouquinho depois, mas viveu. A amizade que havia entre as pessoas, né? Aqueles 10 pesquisadores que foram...

LM: Cassados.

OM: Cassados, eles não tinham depois uma convivência... o Emílio depois que nós estávamos... Porque nós ficamos um tempo, o nosso salário na Fiocruz era inferior ao das nossas estagiárias...

LM: Ela fez o quê?

OM: Da Fiocruz, as estagiárias.

LM: O que tem?

OM: Ficou...

LM: O salário ficou muito baixo, não foi?

LM: E nós tínhamos bolsa do CNPq. O CNPq foi que nos manteve, não em luxo, mas que manteve o nosso trabalho, né? Não pedíamos fortunas, mas foi que nos manteve...

LM: Mas a senhora tinha três filhos, né? Tinha que educar.

OM: Cheguei a ir no colégio pra pedir abatimento de mensalidade, cheguei a tirar filho de cursos de línguas, tivemos que fazer isso.

LM: É uma pena, né?

LM: E houve um aumento que ...**(pausa)**

LM: A senhora ficou muito tempo com um salário que ficou muito baixo, né?

OM: Era a razão porque quem mandou cortar o salário.

LM: Ah, tá!

OM: Entendeu?

LM: Hum-hum.

OM: Mas então era isso. Nós fizemos concurso, como se fosse pra professor catedrático mesmo. Aliás, o Instituto tinha status de universidade.

LM: De universidade. Tinha sim, tinha sim.

OM: Então eram cinco examinadores, era prova de títulos, prova de tese, né? Uma prova de tese, apresentação da tese, prova oral apresentando a tese, arguição.

PJ: Isso foi pra entrar pro Instituto?

OM: Pra entrar para o quadro de professor do Ministério da Saúde, pesquisador do Ministério da Saúde, no Instituto.

LM: Era rigoroso, né? Era semelhante a um concurso universitário.

OM: Era, foi nos moldes de um concurso universitário, foi nos moldes de uma prova pra professor universitário e tinha equivalência, tinha equivalência...

LM: Sim.

OM: O CNPq, sem que eu pedisse, imediatamente...

PJ: Que ano foi isso, Otilia?

OM: O concurso, a abertura do concurso foi em 58... Em 58, mas a realização do concurso foi em 61.

PJ: 61.

OM: Nós estávamos...

LM: Quando seu menino nasceu (**Risos**)

OM: Nós estávamos em lua de mel. (Risos) Nós esperamos esse concurso anos e anos... Todo mundo protestando, reclamando, confusão do concurso, confusão na justiça, nós nem ligávamos mais pro concurso. Aí a Fabiane ligou, nós estávamos, em Belo Horizonte, o nosso objetivo era Brasília, porque Brasília tinha sido inaugurada em 1960...

LM: Foi.

OM: E isso era abril de 61. Então nós estávamos interessados em ir lá com o nosso fusquinha, pegar a estrada... Eram quilômetros e quilômetros sem posto de gasolina... Nós tínhamos que calcular a distância...

LM: O combustível, né? (**Risos**)

OM: Nós estávamos em Belo Horizonte, a Fabiana telefonou: “Reabriu o concurso pra entrega imediata do material”.

LM: Hum...

OM: Não voltamos. Fomos até Brasília, lá em Brasília tivemos... Fomos... o Vitor Nunes Leal foi nosso cicerone lá em Brasília, nem...

LM: Imagino.

OM: Vitor...

LM: Vitor Nunes Leal.

OM: Nem...

LM: Ele estava lá na UnB?

OM: Estava, estava lá.

LM: Hum.

[1:45:00]

OM: Não sei se era UnB não, era chefe da Casa Civil do Juscelino Kubitschek.

LM: Do JK. Ah, que legal!

OM: Não foi ele quem inaugurou Brasília?

LM: Foi, foi.

OM: Então, era o chefe da casa civil.

LM: Hum-hum. Puxa vida! Juscelino era presidente, o Vitor Nunes Leal, chefe da casa civil... Como nós já tivemos dias melhores. (**risos**)

OM: Então...

(pausa – preocupação com conforto dos entrevistadores).

PJ: Eu só estou com medo de uma coisa, e depois você vai censurar porque está tão lindo! Está tão comovente que você pelo amor de Deus não vai censurar nada.

LM: (**Riso**)

OM: Mas tem coisas que não podem aparecer aí. Mas por que eu fui contar essa história de Brasília?

LM: Porque estava falando do concurso.



OM: Do concurso.

LM: Que acabou sendo...

OM: Então, nós passamos um período, mas nunca, nunca, nunca me valeu, entendeu? Até porque finalmente eu posso dizer que fiz o concurso. Eu nunca digo que fiz doutorado porque eu não fiz. Quando...

LM: Mas o concurso te deu equivalência.

OM: Ah, você é a única pessoa que ouvi dizer uma coisa dessas. Os papéis dizem, mas você é a única pessoa. Porque por equivalência eles tinham que me dar o equivalente e não deram até hoje.

PJ: Não deram.

OM: Apesar de eu pedir... Tem comissões que julgam... Até hoje. A última vez foi ainda... Mas ninguém... Avaliam, avaliam, não dão. Eu desisti.

LM: Nossa!

OM: No começo eu devia ter entrado na justiça porque quem entrou, conseguiu, mas não, deixei. Não é nada, não é nada, quase que dobrava o salário, né?

LM: Com certeza!

OM: Quase que dobrava o salário.

LM: Com certeza. Com certeza.

OM: Então nunca tive... Você é a única pessoa que reconhece que... A lei diz isso.

LM: A lei.

OM: A lei diz e a própria... E o próprio... O próprio ministério em relação à Fiocruz... em relação ao ministério da Saúde dizia a pessoa que chegasse ao último nível da carreira tinha a equivalência.

LM: Sim.

OM: Nada. Nada... Mas aí em relação à queda no salário...

LM: É.

OM: Bom, eu não sei se é até desagradável dizer isso.

PJ: Não, você até falou do pedido que não foi uma coisa pessoal, mas uma coisa...

LM: Era uma norma, né?

OM: Era uma norma.

LM: Que estava colocando em prática na Fiocruz e acabou...

OM: Não queriam, né? No CNPq - isso eu soube por vias indiretas, né? "Mas o quê? Emílio Mitidieri, Ottilia Mitidieri sem bolsa?" Protestaram, os funcionários do CNPq, eu

não posso dizer quem porque eu estaria comprometendo os próprios funcionários, né? E mantiveram nossa bolsa.

PJ: Tinha um senhor, Dr. Moreira...

OM: Moreira. Eu sei quem ele é.

PJ: Qual era o nome dele? Era um doce de pessoa, ele te chamava e resolvia. Você chegava antes: “Não, estou com problema de família...” Você tinha bolsa... “Não vai atrasar, no dia tal está na sua conta”. Ele era pessoal, ele era diretor, mas ele cuidava das pessoas familiarmente.

LM: Legal.

OM: Esses funcionários devem ter levado o caso a ele...

LM: E ele deve ter...

PJ: Era Frota Moreira.

OM: É, Frota Moreira, é isso mesmo.

PJ: Frota Moreira. Era um doce de pessoa, era seríssimo, todo mundo respeitava, estava ele lá de gravata, era uma pessoa baixa, você chegava e dizia: “Dr. Frota Moreira, vão cassar minha bolsa...” “Não, a sua bolsa...” É porque a gente levava as coisas pessoais... “A sua bolsa está garantida, eu já vi tudo isso...”

OM: É.

PJ: Quer dizer, ele atropelava a burocracia. Não é que ele desse de prazer não, ele vinha com todos, ele resolvia. Então Mota Moreira...

LM: Não caía na malha da burocracia, né?

OM: Eu soube disso, bateu lá, os funcionários se negavam...

PJ: O Frota Moreira era típico dele, não deixava as coisas correrem de uma maneira injusta.

OM: Por isso que eu sempre digo: além do CNPq ter nos ajudado sempre, não era... Não quer dizer que fizesse por nós uma coisa diferente não, o que nós pedíamos eram coisas do nosso interesse nesse momento, entendeu?

PJ: Que vida abençoada, não é?

LM: É.

PJ: Otília que vida abençoada! Netos lindos, filhos, um marido que a amou, está entendendo?

LM: Gente!

PJ: Olha, você devia escrever a sua biografia.

LM: É.

PJ: Você devia escrever a sua biografia: “Uma história de amor com a química”. Dou até o nome.

LM: Para amar tem que ter química, né, Pedro? (**risos**)

OM: Se você escrever as informações que eu não falei.

LM: Pedro, para amar tem que ter química. (**risos**)

OM: Você é químico também?

LM: Não...

PJ: Eu me formei em farmácia, depois eu fiz biologia e fui dar aula no curso de psicologia.

OM: Eu dou essas informações que eu não...

PJ: E aí você vai pegar o seu e vai escrever sua biografia? Porque agora é fácil, é só você seguir o caminho também.

LM: É. (Rindo)

OM: Há certas pessoas que marcam a gente, né?

LM: Sim.

OM: Certas pessoas. Pela bondade até... uma, agora você falou essa expressão, dr. Hugo de Souza Lopes.

PJ: Era um amor de pessoa.

OM: Eu não tinha uma aproximação de trabalho com ele, não tinha, mas um belo dia, eu entrando lá naquele restaurante, na hora que eu entro, ele se levanta lá de onde ele está e vem... Eu não tinha intimidade com ele... Veio com um sorriso, uma coisa... e também um sorriso assim...

PJ: Ela está descrevendo ele.

OM: Aí veio: “Otilia, meus parabéns”. Eu estava bem... Não, eu estava... “Você foi eleita para a Academia Brasileira de Ciências”. Eu nem sabia que tinha sido votado meu nome naquele dia, nem que meu nome tinha sido colocado...

LM: Ah, que coisa linda!

OM: Também não fui eu quem mandei meu nome pra lá não, deve ter sido coisa do Emilio e Dr. Villela, mas aquela pessoa pra mim, como você diz, lá do alto, desceu e veio me receber...

PJ: Dr. Hugo era diferente, ele era a humildade em pessoa.

OM: Uma pessoa maravilhosa!

PJ: Foi cassado, né? Aí ele tem uns 200, 300 trabalhos. O currículo dele é “Hugo de Souza Lopes da Academia Brasileira de Ciências, professor Titular da Universidade Rural” e aí

ele esqueceu Manguinhos, ele foi cassado - e da Universidade Santa Úrsula, que recebeu ele. E aí vinha a lista, não tinha nada de comunicação, tinha só os trabalhos dele.

OM: É, ele...

LM: Que já é coisa pra caramba, né?

OM: Na Santa Úrsula, ele, o Herman Lent, Moacyr [Vaz de Andrade]...

LM: E Dr. Domingos [Arthur Machado Filho].

OM: E o Dr. Domingos e o Emílio.

PJ: E o Emílio. É, o Emílio levou o grupo pra... Eu tenho, engraçado que eu tenho dois nomes da química e não tem nenhuma coisa, o Dr. Percot que nunca mais...

OM: Dr. Percot eu só vi poucas vezes, o laboratório dele era acima do nosso.

PJ: E o Rubens, eu acho que o Rubens...

OM: Rubens?

PJ: Rubens Nascimento que era um dos poucos negros que tinha em Manguinhos.

OM: Os poucos...?

PJ: Poucos negros...

OM: Mas o Dr. Percot não era.

LM: Não, não. O Rubens.

OM: Ah, o Rubens era.

PJ: Não sei o que ele fez na vida, eu não sei se o sobrenome dele era Nascimento, mas...

OM: Realmente não se vê falar... O Percot às vezes eu vejo...

LM: É, Percot tem um nome assim que tece um certo elo.

OM: Mas ele não foi cassado?

LM: Não, não.

LM: Dra. Ottilia, eu queria perguntar sobre essa questão de ser mulher, ser cientista nesse momento. A senhora já falou que não houve nenhum tipo de discriminação, qualquer coisa assim, né? Mas eu queria que a senhora falasse só um pouquinho pra gente de como que era ser uma mulher cientista no meio majoritariamente masculino.

OM: Olhe, eu não sentia diferenças, entendeu? Mas já que você falou majoritariamente masculino, eu acredito...

LM: É, tinha poucas mulheres.

OM: Nos bastidores quando houvesse uma decisão de chefia, quando indicação pra um certo posto, talvez indicassem um homem mesmo, eu acredito, mas eu não estou...

LM: Não, criticando.

OM: Não estou dizendo que isso ocorria...

LM: Não, eu sei.

OM: Mas eu acredito. Nunca fui atingida, nunca percebi nada disso.

LM: A senhora foi chefe de laboratório em algum momento ou teve algum...

OM: Não, não na Fiocruz de jeito nenhum, nenhum de nós foi. Só depois que o Dr. Villela se aposentou.

LM: Sim.

OM: Ele viveu só um ano depois (**inaudível**). Aí o Abreu foi chefe, passou a ser chefe do laboratório e logo imediatamente...

PJ: Vou lhe dar uma notícia... Vou lhe dar uma boa notícia!

OM: Diga.

PJ: Manguinhos tem 70... O Instituto Oswaldo Cruz tem 70 laboratórios, 60% é chefiado por mulher.

LM: É.

OM: Eu vi, ouvi outro dia isso não sei aonde, é verdade.

PJ: E tem mais mulheres do que homens, e mais doutoradas mulheres do que homens.

OM: Isso eu li no jornal recentemente. Eu li isso recentemente.

LM: E da redação do Enem cuja nota saiu ontem, não sei se a senhora viu, de 52 vagas...

PJ: 42 eram mulheres.

OM: Quantas?

LM: 52 notas 1000 na redação...

PJ: A nota máxima é das mulheres...

LM: 42 são mulheres.

PJ: O mundo é das mulheres.

LM: É. (**Risos**)

PJ: Nós já tomamos duas horas...

LM: Dra. Ottilia, vamos então terminar?

OM: Vamos!

LM: Nossa, mas eu queria agradecer demais!

OM: Não tem que agradecer.

LM: Todas as coisas que a senhora falou, todas as perguntas que a senhora respondeu, foi ótimo. Em nosso nome, em nome da Fiocruz, a gente gostaria muito de agradecer, muito obrigada.

OM: Não tem que agradecer, eu que peço desculpas por...